



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

ALMIR ROGÉRIO BREGUEDO DE SOUZA

**NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA ESCOLAR E
PROFISSIONAL DE UM DIRETOR ESCOLAR NO ENFRENTAMENTO
DA HOMOFOBIA.**

CAMPINAS

2025

ALMIR ROGÉRIO BREGUEDO DE SOUZA

**NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA ESCOLAR E
PROFISSIONAL DE UM DIRETOR ESCOLAR NO ENFRENTAMENTO
DA HOMOFOBIA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar Da Faculdade de Educação da Universidade estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar, na área de concentração Educação Escolar.

Supervisor/Orientador: NIMA IMACULADA SPIGOLON

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO ALMIR ROGÉRIO BREGUEDO DE SOUZA, E ORIENTADO PELA PROFA. DRA. NIMA IMACULADA SPIGOLON.

CAMPINAS
2025

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

So89n Souza, Almir Rogério Breguedo, 1982-
Narrativas de resistência : a trajetória escolar e profissional de um diretor
escolar no enfrentamento da homofobia / Almir Rogério Breguedo de Souza.
– Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador(es): Nima Imaculada Spigolon.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Discriminação. 3. Homofobia. 4. Trajetória escolar. I.
Spigolon, Nima Imaculada. II. Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Resistance narratives : the school and professional trajectory
of a school principal in confronting homophobia

Palavras-chave em inglês:

Education
Discrimination
Homophobia
School trajectory

Área de concentração: Educação Escolar

Titulação: Mestre em Educação Escolar

Banca examinadora:

Nima Imaculada Spigolon [Orientador]
Claudia Amoroso Bortolato
João Antonio Rocha

Data de defesa: 10-01-2025

Programa de Pós-Graduação: Educação Escolar

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0001-3011-862X>
- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6615463463797470>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA ESCOLAR E
PROFISSIONAL DE UM DIRETOR ESCOLAR NO ENFRENTAMENTO
DA HOMOFOBIA.**

Autor: Almir Rogério Breguedo de Souza

COMISSÃO JULGADORA:
Nima Imaculada Spigolon
Claudia Amoroso Bortolato
João Antônio Rocha

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

CAMPINAS

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos avós maternos, **MARIA e JOÃO**, que, mesmo não estando mais fisicamente presentes, continuam vivos em minhas lembranças e no amor que me ensinaram. A eles, que sempre foram exemplos de força, generosidade e valores, dedico cada conquista e cada linha deste trabalho.

Vocês foram minhas primeiras inspirações, e muito do que sou hoje devo ao carinho e aos ensinamentos que recebi de vocês. A saudade é grande, mas saber que este sonho se realizou com o apoio invisível de suas memórias aquece meu coração. Com toda a minha gratidão e amor, esta conquista é para vocês.

AGRADECIMENTOS

Com o coração cheio de gratidão, dedico este trabalho a todos que estiveram ao meu lado nesta caminhada, que me apoiaram nos momentos difíceis e celebraram comigo as pequenas conquistas. Sem vocês, cada página desta dissertação não teria o mesmo significado.

Aos meus pais, João e Maria, que, com carinho e paciência infinitos, me ensinaram sobre o valor da educação. Vocês sempre me deram amor e apoio incondicionais, e é com vocês que divido cada passo desta jornada.

À minha irmã, minha constante companheira; meu carinho e gratidão são eternos.

Ao meu tio Joãozinho, agradeço profundamente. Em cada conversa, em cada palavra de incentivo. Obrigado por estar sempre ao meu lado e por acreditar tanto em mim.

Aos meus amigos Thales, Matheus e Guilherme, que são minha rede de apoio mais sólida, meus parceiros nos momentos de alegria e nas fases difíceis. Com vocês, nunca me senti sozinho. Obrigado por me ajudarem a manter a fé em mim mesmo e por me darem forças para continuar.

Meu agradecimento especial ao meu amigo João, que, com suas palavras de incentivo, despertou em mim o desejo de seguir a carreira acadêmica. Seu apoio foi essencial para que eu acreditasse no meu potencial.

As minhas amigas de trabalho, Alessandra, Karla, Bel, Silvinha e Salette, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando, e aguentando meus picos de estresses.

E, por fim, minha orientadora, Nima. Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão por seu olhar generoso e sua paciência em cada etapa desse processo. Você foi muito além do papel de orientadora; foi uma inspiração, um exemplo de amor e força.

RESUMO

Desde muito jovem, sempre senti que minha experiência de vida como homossexual foi marcada por desafios e dificuldades, especialmente no ambiente escolar e no local de trabalho. Na escola, a descoberta e a afirmação da minha identidade sexual foram frequentemente acompanhadas de sentimentos de isolamento e exclusão. Ao ingressar no mercado de trabalho, percebi que os desafios persistiam, ainda que se manifestassem de formas diferentes. No ambiente profissional, a necessidade de me encaixar na heteronormatividades, constantemente resultava em uma autocensura; na tentativa de evitar discriminação e preconceito. Dessa forma, considero essencial discutir assuntos relacionados à sexualidade nestes tempos chamados de "modernos" e de "aceitação às diferenças". Este trabalho busca explorar as múltiplas facetas dos desafios enfrentados por mim, um homem "gay", na minha trajetória escolar e no trabalho, na Rede Estadual de Educação. Para trilhar esse caminho de pesquisa sem perder minha essência e emoção, permitindo que minha humanidade transborde para os leitores nestas páginas, decidi utilizar a metodologia da pesquisa (auto)biográfica, aproximando-me das minhas memórias. O presente trabalho está estruturado em torno da seguinte questão: como as dificuldades de aceitação e homofobia, afetam a formação da identidade e a trajetória pessoal e profissional de pessoas LGBTQIAPN+. Este estudo contribuirá para a pesquisa (auto)biográfica na área da educação ao apresentar um trabalho investigativo que se configura como um ato político, através da minha trajetória escolar e atuação como diretor na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC); considerando sua relevância social nos estudos de gênero. Além disso, propõe uma aproximação entre a academia, através da produção e sistematização do conhecimento, e a escola, considerando as nuances nos processos pedagógicos de construção, desconstrução e reconstrução de diferentes aprendizagens.

Palavras Chaves: Educação, Discriminação, Homofobia, Trajetória Escolar/Profissional.

ABSTRACT

Since I was very young, I have always felt that my life experience as a homosexual was marked by challenges and difficulties, especially in the school environment and in the workplace. At school, the discovery and affirmation of my sexual identity were often accompanied by feelings of isolation and exclusion. Upon entering the job market, I realized that the challenges persisted, even if they manifested themselves in different ways. In the professional environment, the need to fit into heteronormative norms often resulted in constant self-censorship, in an attempt to avoid discrimination and prejudice. Thus, I believe that discussing issues related to sexuality in these so-called "modern" times of "acceptance of differences" should be something common. This work seeks to explore the multiple facets of the challenges faced by me, a "happy" man, in my school career and at work, in the State Education Network. To follow this research path without losing my essence and emotion, allowing my humanity to overflow to the readers in these pages, I decided to use the methodology of (auto)biographical research, approaching my memories. This paper is structured around the following question: how difficulties in acceptance and homophobia affect the formation of identity and the personal and professional trajectory of LGBTQIAPN+ people. This study will contribute to (auto)biographical research in the field of education by presenting an investigative work that is configured as a political act, through my school trajectory and work as a director at the State Department of Education (SEDUC); considering its social relevance in gender studies. In addition, it proposes an approximation between academia, through the production and systematization of knowledge, and school, considering the nuances in the pedagogical processes of construction, deconstruction and reconstruction of different learnings.

Key Words: Education, Discrimination, Homophobia, School/Professional Trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Significado da sigla LGBTQIAPN+.....	16
Imagem 2 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 1.....	23
Imagem 3 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 2.....	38
Imagem 4 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 3.....	42
Imagem 5 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 4.....	46
Imagem 6 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 5.....	50
Imagem 7 – Participação na 13ª Parada da Diversidade de Catanduva.....	53
Imagem 8 – Momentos de “prosa” com Nima, minha Orientadora.....	55
Imagem 9 – A luta pelos direitos da população LGBTQIAPN+.....	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADI – Ação Direta de Inconstitucionalidade
AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CFM – Conselho Federal de Medicina
CNCD – Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais
CNJ – Conselho Nacional de Justiça
COP - Organização da Diversidade Catanduva - SP
DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis
EDSG – Educação para Diversidade Sexual e Gênero
IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis
GGB – Grupo Gay da Bahia
LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não binários.
OMS – Organização Mundial de Saúde
STF – Superior tribunal Federal
SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A DESCOBERTA QUE ENSINA	18
2.1. A ingenuidade da descoberta.....	18
2.2. Traumas da descoberta.....	24
2.3. Saindo para fora do “armário”	32
3. O ENFRENTAMENTO QUE FORTALECE	36
3.1. Resistência dos pais.....	36
3.2. Homofobia velada.....	38
3.3. Os traumas aumentam.....	39
3.4. Um momento de “trégua”	42
3.5. Recepção nada calorosa.....	44
3.6. Tempos obscuros.....	46
4. A RESISTÊNCIA QUE TRANSFORMA	51
4.1. Resistência a adversidade.....	51
4.2. A importância do Mestrado.....	54
4.3. O que conquistamos.....	58
4.4. A minha luta continua.....	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	68
GLOSSÁRIO.....	73

1- INTRODUÇÃO

Gay (Interlúdio)

Essa daqui é praquelas gay
 Que no prézinho já sabia que era gay
 A criançada apontava: Cê é muito gay
 Já brincava com as barbie: Teu filho é gay, eu bem que te avisei
 É praquelas gay que num sabia bem porque era ruim ser gay
 Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay
 Já brigou com Deus: Por quê me fizeste gay? Queria ser alguém
 Já não temas, gay
 Aquilo que não mata fortalece um gay
 Sente o quanto te empodera ter nascido gay
 Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei
 É que eu também sou gay
 E levante, gay
 Que a luta ainda não acabou pras gay
 Que a nossa vitória vai ser o “close”, gay
 E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gay é por ser
 Gay
 (Glória Groove)

Durante a infância, a descoberta da minha orientação sexual foi acompanhada por uma série de conflitos internos e externos. Os comentários preconceituosos, as piadas de mau gosto e a falta de compreensão por parte de colegas e até mesmo de alguns adultos criavam um ambiente de constante vigilância e medo. Eu me via obrigado a esconder meus sentimentos e a conformar-me com os padrões esperados para evitar a rejeição e a violência verbal e física. Essa experiência não só afetou minha autoestima, mas também moldou a forma como eu via o mundo e a mim mesmo. Lembro-me vividamente das brincadeiras na escola e em casa, onde a segregação de gênero era evidente. Meninos eram incentivados a participar de atividades que simbolizavam força e ação, enquanto as meninas eram direcionadas para tarefas domésticas e de cuidado. Sentir-me diferente e não me encaixar nessas expectativas sociais gerava uma profunda sensação de isolamento.

Desde muito jovem, sempre senti que minha experiência de vida como homossexual era marcada por desafios e dificuldades, especialmente no ambiente escolar e no local de trabalho. Na escola, a descoberta e a afirmação da minha identidade sexual foram frequentemente acompanhadas de sentimentos de isolamento e exclusão. As piadas, os comentários maldosos e, por vezes, a violência verbal e física, criavam um ambiente hostil e inóspito. Esse clima de intolerância não apenas afetava minha autoestima e desempenho acadêmico, mas também minava minha sensação de segurança e pertencimento.

Ao ingressar no mercado de trabalho, percebi que os desafios persistiam, ainda que se manifestassem de formas diferentes. No ambiente profissional, a necessidade de se encaixar em normas heteronormativas muitas vezes resultava em uma autocensura constante, na tentativa de evitar discriminação e preconceito. A falta de representatividade e de políticas inclusivas contribuía para uma sensação de invisibilidade e de não pertencimento, tornando o cotidiano laboral um espaço de constante vigilância e de esforço para ser aceito.

Quando assumi o cargo de diretor escolar, senti uma mistura de orgulho e apreensão. Sabia que minha competência profissional me qualificava para a posição, mas também estava ciente dos desafios adicionais que enfrentaria por ser homossexual. Desde o início, decidi que não esconderia minha identidade, pois acreditava que a autenticidade era essencial para liderar com integridade.

Considero que discutir assuntos relacionados à sexualidade nestes tempos chamados de "modernos" e de "aceitação às diferenças" deveria ser algo essencial, especialmente porque a homossexualidade é relatada desde a ¹antiguidade, sendo reconhecida nas mais diversas culturas e, em algumas delas, tratada com

¹ As tribos das ilhas de Nova Guiné, Fiji e Salomão, no oceano Pacífico, cerca de 10 mil anos atrás já exercitavam algumas formas de homossexualidade ritual. Os melanésios acreditavam que o conhecimento[...] Na Grécia e na Roma da Antiguidade, era absolutamente normal um homem mais velho ter relações sexuais com um mais jovem. O filósofo grego Sócrates (469-399), adepto do amor homossexual, pregava que o [...] Não é nada difícil perceber que, na Antiguidade, o sexo não tinha como objetivo exclusivo a procriação. Isso começou a mudar, porém, com o advento do cristianismo. (<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/vale-tudo-homossexualidade-na-antiguidade>. Acessado, em: 23/01/2025).

naturalidade. Em outras culturas, entretanto, o homossexual era e ainda é, até hoje, repudiado e vítima das mais variadas atrocidades, incluindo a pena de morte. Hoje mesmo, ao ler as notícias ou passar alguns momentos diante da televisão, percebo que a intolerância e a discriminação permanecem presentes e talvez até mais visíveis do que no passado, embora agora de maneira mais velada. Muitos justificam as barbaridades cometidas contra homossexuais como uma forma de "colocar a pessoa no eixo" ou da necessidade de "ensinar a ser homem/mulher", mas acredito que assumir esse papel social e sexual (de um indivíduo gay) perante os outros pode ser considerado um ato de bravura, diante das muitas variantes de se assumir,

Esta dissertação busca explorar as múltiplas facetas dos desafios enfrentados por mim, um homem gay, na minha trajetória escolar e no trabalho. Para trilhar esse caminho de pesquisa sem perder minha essência e emoção, permitindo que minha humanidade transborde para os leitores nestas páginas, decidi utilizar a metodologia da pesquisa autobiográfica, partindo das minhas memórias. Os memoriais, segundo Mazza e Spigolon (2017) enfatizam as narrativas de si, como condutores de pesquisa e formação, que tem como objetivo a compreensão das formas de pensar, sentir e se fazer educador e gestor, e apreender a constituição profissional que se realiza de modo contínuo na formação-ação-reflexão com ênfase nas subjetividades, nos processos de socialização e nas experiências em espaços educativos.

Além disso, "a utilização de narrativas autobiográficas como método de pesquisa e prática de formação valorizam e investigam as dimensões pessoais dos indivíduos, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida, levando à compreensão da complexidade das interpretações que os participantes fazem de suas experiências e ações, sucessos e fracassos, bem como dos problemas que enfrentam. A investigação narrativa, por sua vez, utiliza as explicações fornecidas pelos indivíduos para entender as causas, intenções e objetivos por trás das ações humanas.

As narrativas (auto)biográficas são valiosas ferramentas de pesquisa sobre a formação dos profissionais da educação, pois destacam elementos da subjetividade do indivíduo, sua trajetória educacional e experiências de vida. Entendemos que o uso desse método não só contribui para a ciência da educação ao introduzir novas dimensões e conhecimentos, mas também coloca o sujeito como protagonista de sua própria formação e do processo investigativo (Santos; Garms, 2014).

Essa escolha metodológica é fundamental para manter o rigor acadêmico deste trabalho, fruto da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Educação Escolar. Esta pesquisa está estruturada em torno da seguinte questão norteadora: como as dificuldades de aceitação e homofobia, afetam a formação da identidade e a trajetória pessoal e profissional de pessoas LGBTQIAPN+²

² A sigla original era apenas LGB, surgida nos anos 1980 como uma forma de organizar a luta de lésbicas, gays e bissexuais. Com o passar do tempo, novas identidades e orientações começaram a ser reconhecidas e visibilizadas, e a sigla foi ampliada para incluir esses grupos. A inclusão de "T" para transgêneros veio para reconhecer a luta contra a transfobia, e o "Q" foi adicionado para contemplar aqueles que não se encaixam nas categorias tradicionais. Em seguida, outras letras como "I", "A", "P" e "N" foram integradas para reconhecer a diversidade de experiências e identidades. O símbolo "+" é utilizado para incluir outras identidades que não estão explicitamente mencionadas na sigla, reforçando um compromisso contínuo com a inclusão e a diversidade. A expansão da sigla LGBTQIAPN+ reflete não apenas a complexidade das identidades humanas, mas também a busca por visibilidade, aceitação e direitos para todos. Ao longo das décadas, essa evolução da linguagem tem sido um meio de ampliar a luta por igualdade, questionando as normas sociais e garantindo que cada pessoa possa ser reconhecida e respeitada por quem é. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT#:~:text=Em%20uso%20desde%20a%20d%C3%A9cada,inicialismo%20LGBT%20nos%20Estados%20Unidos>, Acessado em 31/10/2024).

Imagem 1- Significado da sigla LGBTQIAPN+



Fonte: Acervo Pessoal – Criação

Para buscar possíveis respostas a essa questão, defini como **Objetivo geral:** Fornecer uma visão abrangente das barreiras sociais e institucionais que perpetuam a discriminação, além de propor possíveis caminhos para a construção de ambientes de trabalho mais inclusivos e acolhedores.

Com o intuito de encontrar respostas, ou até mesmo novas perguntas que possam abrir caminhos para futuras pesquisas, tracei alguns pontos a serem discutidos ao longo do texto:

Objetivos específicos:

1. Refletir sobre minhas vivências e experiências escolares, enquanto estudante;
2. Compreender as estratégias de enfrentamento às normas de gênero adotadas por mim durante minha trajetória como professor e Diretor escolar;
3. Problematicar a temática de gênero e sexualidade no exercício da profissão docente e gestão escolar; através da proposição de ações.

Dessa forma, ao propor esta pesquisa no Mestrado Profissional em Educação Escolar, levando em conta minhas trajetórias de vida, formação e atuação profissional como professor, sendo homossexual. Foi possível perceber que este estudo contribui para a pesquisa na área da educação ao apresentar um trabalho investigativo que se configura como um ato político, considerando sua relevância social nos estudos de gênero. Além disso, propõe uma aproximação entre a academia, através da produção e sistematização do conhecimento, e a escola, considerando as nuances nos processos pedagógicos de construção, desconstrução e reconstrução de diferentes aprendizagens.

1. A DESCOBERTA QUE ENSINA

1.1. A ingenuidade da descoberta.

Minha história com a Educação começa lá em 1989, na cidade de Catanduva, interior de São Paulo, no antigo Pré-Primário; em uma escola próxima da casa da minha avó. Junto com minha querida mãe, entramos no prédio escolar, segurei forte na sua mão, dentro de mim uma explosão de sentimentos (angústia, ansiedade, alegria, medo); tudo em minha volta me impressionava, a beleza dos espaços físicos da escola, a quantidade enorme de crianças que corriam de um lado para o outro, preenchendo os espaços da escola.

Minha querida e primeira professora, Dona Cidinha. Mulher de voz doce e meiga, cabelos loiros encaracolados, sempre muito bem-vestida; que me ensinou a conhecer o mundo através das letras; que penteava meus cabelos cacheados para as apresentações e festas da escola, com muito carinho e ternura. Ela é uma das maiores responsáveis por despertar em mim o amor pela escola e pela educação.

Minha infância no pré-primário é uma coleção de lembranças vivas, cheias de cheiros, cores e sensações que ainda consigo sentir, mesmo depois de tanto tempo. Se eu fechar os olhos, posso quase ver aquela salinha agitada, com mesas pequeninas cheias de crianças risonhas e cadeirinhas que pareciam tão grandes para o meu corpo pequeno.

O cheiro da massinha de modelar é um dos que mais me leva de volta. Era só abrir aquele potinho colorido e parecia que o mundo todo se enchia de um aroma meio doce, meio plástico – um cheiro que prometia horas de brincadeira. Com as mãos ainda desajeitadas, eu amassava, apertava, moldava. Transformava pedacinhos coloridos em dragões esquisitos, bolos tortos e formas que só eu sabia o que eram. O engraçado é que quase sempre terminava com as mãos pintadas de azul, vermelho ou verde, como se as cores quisessem grudar em mim, não me deixar esquecer do quanto eu adorava criar.

E a tinta guache? Ah, essa tinha um lugar especial nas manhãs mais animadas. O cheiro era forte, meio adocicado, e combinava com a bagunça que

vinha em seguida. Eu adorava encher o pincel e deslizar no papel, criando o que minha imaginação mandasse. Um sol com rosto, árvores tão tortas que pareciam dançar e bichos que só eu reconhecia. Sempre tinha aquele colega que deixava a tinta escorrer pelo braço, e de repente estávamos todos rindo, com manchas nos rostos e nas roupas. No final das atividades, minhas mãos pareciam uma obra de arte ambulante – e eu amava cada mancha e cada gota de cor.

Esses momentos, cheios de cheiro de tinta e textura de massinha, não eram só brincadeiras; eram aventuras que a gente criava juntos. Cada modelagem esquisita, cada traço desengonçado de tinta, era uma história esperando para ser contada. Quando chegava a hora de parar, eu ficava olhando para as cores nas minhas mãos, meio relutante em lavá-las. Parecia que, ao fazer isso, eu perderia um pouco do que tinha vivido ali.

A pré-escola, para mim, era um mundo onde tudo podia ser. Era bagunça, era cor, era cheiro – era eu sendo livre, sonhando com os olhos abertos e as mãos sujas de tinta. Olhando para trás, percebo que cada criação torta, cada pincelada atrapalhada, era a minha forma de ser feliz. E, de alguma forma, acho que o cheiro daquela infância ainda vive em mim, trazendo de volta quem eu era, sempre que preciso lembrar como é bom simplesmente criar e ser.

Foi nesse ano também, que fiz amizade com um coleguinha de turma, que se tornaria meu melhor amigo na escola. Uma amizade que recordo com ternura, que extrapolou os muros da escola. Ele morava próximo à escola e a casa de minha vó; onde eu passava o restante do dia após a escola, pois meus pais trabalhavam, e ela cuidava de mim e da minha irmã mais velha. A casa da minha avó, Maria, tinha um quintal enorme, espaçoso, cheio de árvores e plantas; onde Rogério e eu, explorávamos tudo, usando a imaginação através de brincadeiras.

Quando fecho os olhos e me permito voltar àqueles dias, parece que uma porta mágica se abre, e, por um instante, sou de novo aquele menino, cheio de sonhos e curiosidade. A memória me leva direto ao quintal de casa onde cresci – para mim, aquele espaço parecia tão imenso quanto o próprio universo.

Eu me lembro com nitidez dos finais de tarde, quando eu e meus amigos saíamos correndo pelo bairro. A rua de terra batida virava nossa pista de corrida, e o som das nossas gargalhadas ecoava por todos os lados. Não havia regras rígidas,

apenas a pura vontade de brincar. Um jogo de bola improvisado, esconde-esconde ou uma simples corrida bastavam para encher o coração de alegria. As regras surgiam do nada, mudavam no calor do momento e ninguém se importava – tudo fazia parte de um pacto não escrito que só a infância conhece.

Chegamos em 1990, estou na primeira série. Continuo estudando na mesma escola, mas agora com outra professora; oposto da D^a Cidinha. Professora rígida, dificilmente demonstrava afeto pelos alunos; tinha os cabelos curtos, expressão facial séria. Ah! Se fizesse bagunça na aula dela, jogava o apagador, puxava a orelha e o cabelo.

Em relação a sala de aula, sei que fui alfabetizado com a Cartilha “Caminho Suave”, que estava em uso na época. Todos os dias fazíamos fila, cantávamos o Hino Nacional às sextas-feiras, ouvíamos alguns os recados e, uma a uma as filas partiam guiadas por suas professoras e seguiam para suas salas. Tudo numa ordem perfeitamente militar, até mesmo a nossa disposição nas filas, primeiro os maiores e por último os mais baixos.

Durante a semana, após o término das aulas, eu chegava na casa da avó Maria, onde passava o dia; me recordo da sua voz doce e meiga cantarolando enquanto preparava o almoço; eu corria para o sofá assistir os desenhos animados e o finalzinho do programa “Xou da Xuxa”. Ir para a casa dos meus avós era como estar em um lugar seguro e acolhedor, cheio de cheiros, sabores e um amor sensível. Minha avó estava sempre na cozinha, preparando delícias com um toque mágico que transformava qualquer receita em um banquete. O cheiro de bolos e pães recém assados ainda parece morar em mim. Meu avô, apesar de ser rígido, tinha um olhar sereno que refletia todo o amor que poderia oferecer para os netos. Muitas vezes eles se sentavam na varanda, olhando para o céu, e nos transportava para outro tempo com suas histórias fascinantes. Eu ouvia tudo com olhos brilhando, fascinado pelo mundo que ele trazia à vida com suas palavras.

No final da tarde, minha mãe saía do trabalho, passava na casa da minha avó, e íamos embora juntos, caminhando para casa.

Morávamos cerca de 1(um) quilômetro da casa da minha vó, numa casinha pequena, que fazia parte de um conjunto habitacional de casas populares; levava

uma vida bem simples e humilde. Nesta casa, moravam meus pais, minha irmã e eu. Adorava brincar a noite na rua com os coleguinhas: pega-pega, esconde-esconde, pique-bandeira, elefantinho-colorido; enfim, um repertório vasto de jogos e brincadeiras, que só terminavam com o assovio do meu pai, me chamando para entrar em casa, lavar meus pés e dormir.

Momentos em família eram repletos de simplicidade e amor. Claro que havia as brigas bobas por espaço, as pequenas disputas de crianças, mas o que prevalecia eram as risadas que ecoavam pela casa. As festas de aniversário, por mais simples que fossem, pareciam grandiosas para mim. Havia bexigas coloridas, bolo com glacê que minha tia preparava, e aquela sensação de estar cercado por pessoas que me amavam de verdade. Era uma bagunça cheia de afeto, que sempre terminava com abraços apertados e olhares que diziam mais do que qualquer palavra.

Desde muito cedo, sempre me senti muito mais confortável na companhia de pessoas do gênero feminino, seja minha mãe, colegas de escola ou familiares. Aos finais de semana visitávamos minha avó paterna, lá eu podia interagir com meus primos, a maioria de idades semelhantes à minha. Íamos até o fundo do quintal para brincar no balanço, pular corda, brincar de casinha. Não gostava de jogar futebol com meus primos e colegas, claro que isso gerava comentários e “brincadeiras” homofóbicas, era chamado de “menininha” e “mulherzinha” por eles.

Desde crianças, somos “educados” a diferenciar coisas de meninos e de meninas. Em relação a brincadeiras; a diferenciação de gênero, reforça a ideia de que certas atividades e comportamentos são intrinsecamente masculinos ou femininos, o que não apenas limita o potencial das crianças, mas também reforça a segregação e a desigualdade de gênero (Silva, 2000).

Ainda fazendo uma crítica a essa diferenciação de gênero, Grossi (2010), afirma que ao incentivar brincadeiras de gênero, a sociedade perpetua normas rígidas sobre o que é considerado comportamento apropriado para meninos e meninas, marginalizando aqueles que não se conformam a esses padrões e fomentando a um ambiente de exclusão e preconceito.

Como eu gostava de ir à escola, fazer as lições, brincar com os amigos no recreio, conversar com os inspetores nos corredores, enfim, de todas as experiências vividas e sentidas dentro dos muros da escola. Na segunda série do primário, a maior lembrança que eu tenho, é da professora Cidinha, uma senhora de estatura baixa, com cabelos crespos, muito delicada, paciente e educada com os alunos. Dos meus colegas de turma, tenho pouca recordação.

Em relação as minhas experiências afetivas nessa época, me recordo de duas situações marcantes. A primeira, estava na casa de minha avó, brincando de “casinha” com duas primas, em certo momento nos beijamos. Meu tio, abriu a porta do quartinho do fundo que estávamos, e viu a cena do beijo. Levamos uma “bronca” muito grande, por sorte não apanhamos; mas a vergonha e o constrangimento que senti com a situação era evidente. A segunda situação, também na mesma época, foi na casa de um vizinho que morava próximo a minha casa, onde brincávamos às vezes. Num certo momento da brincadeira que não me recordo, nos beijamos; ato que foi flagrado pelo tio dele. Olhamos com espanto e medo, lembro-me, que saí correndo para minha casa. Até hoje, não sei o desdobramento dessa situação em relação ao meu vizinho; pois, nunca conversamos sobre o fato, nos comportávamos como se nada tivesse acontecido.

Imagem 2 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 1



Fonte: Casa 1³

Na terceira série do primário, minha professora chamava-se Dalva, com a qual, tinha muita afinidade, pois ela morava próximo a casa da minha avó, com isso, por várias vezes eu a visitava em sua casa. Quando chegou o final do ano letivo,

³ A Casa 1 é uma organização localizada na região central da cidade de São Paulo e financiada coletivamente pela sociedade civil. Sua estrutura é orgânica e está em constante ampliação, sempre explorando as interseccionalidade do universo plural da diversidade. Contamos com três frentes principais: república de acolhida para jovens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) expulsos de casa, o Galpão Casa 1 que conta com atividades culturais e educativa e a Clínica Social Casa 1, que conta com atendimentos psicoterápicos, atendimentos médicos e terapias complementares, com foco na promoção de saúde mental, em especial da comunidade LGBT. (<https://www.casaum.org/erica-malunguinho-lista-21-marcos-historicos-do-movimento-lgbtqia-no-brasil/>, Acessado em: 31/10/2024).

mesmo já estando promovido, pedia para professora Dalva me deixar frequentar as aulas de recuperação, só para poder ficar mais na escola, na cia dos coleguinhas, colaborando nas atividades escolares.

No ano de 1993, frequentei a quarta série do primário, com uma professora muito rígida e séria. Como esquecer das terríveis “chamadas orais”, onde ela colocava uma carteira na porta da sala de aula e se sentava, e agente em pé, tínhamos que responder a diversas questões oralmente, de diferentes componentes curriculares, principalmente a “tabuada”. Ah! Se demorasse para responder, repreendia-nos aos gritos.

Nessa época, comecei a aprender a jogar vôlei, e conseqüentemente a me interessar por esportes e atividade física; mas essa é uma conversa que retomaremos mais adiante, pois o vôlei e o esporte são fatos importantes dessa minha trajetória.

1.2. Traumas da descoberta

Chegamos ao ano de 1994, muitas mudanças e acontecimentos marcaram minha vida e o país neste ano: Fomos tetra campeões mundiais no futebol, depois de um jejum de 24 anos; perdemos nosso ídolo do automobilismo Ayrton Senna; Entre os fatos do cotidiano e a história, o fato que mais impactou nossas vidas, foi a implantação da nossa moeda através do Plano Real. O Brasil começava a controlar o “monstro” temido da Inflação.

Na minha vida escolar, iniciava a 5ª série do ginásio, ainda na mesma escola que frequentei o ensino primário, mas com uma grande diferença; agora tinha um professor para cada disciplina, cada um com sua personalidade, didática e maneira de se relacionar com os alunos. Confesso, que as disciplinas que mais gostava, eram com os professores que eu tinha maior afinidade.

Esse período da minha vida, me deixaram marcas, lembranças e por incrível que pareça, traumas que me perseguem até os dias atuais. Poderia falar, dos professores marcantes, das atividades e projetos criativos que desenvolvíamos; mas, outras questões, fatos e acontecimentos, protagonizaram essa fase.

Estava entrando na fase da adolescência, mudanças físicas, hormonais e principalmente emocionais “turbilhavam” em mim. Desde que me lembro, sempre me senti muito mais atraído por meninos do que por meninas. Algo neles, que na época não sabia explicar, me encantava e despertava meu interesse. Porém, sem saber como lidar com esses sentimentos que surgiam dentro de mim, eu me sentia sufocado e fazia de tudo para seguir o que acreditava ser meu “destino”: ser um homem heterossexual. Cresci em um ambiente religioso⁴, onde sempre ouvi frases como: “Deus condena o pecado, mas ama o pecador” e “Deus criou o homem para a mulher, e qualquer coisa fora disso não é aceitável aos olhos de Deus”. Como eu poderia, então, ser algo que Deus condena tão fortemente? Essa angústia me acompanhou por anos, como se verá adiante. Foi tanto sofrimento, tristeza e confusão! A ponto de me fazer esconder todos os meus sentimentos, guardando-os no lugar mais profundo dentro de mim, para que ninguém soubesse que existiam. Talvez assim, eu pudesse me convencer de que a vida heterossexual seria o melhor caminho. Claro que querer esconder é bem diferente de conseguir, pois tinha muitos trejeitos que me denunciavam.

O amor pela escola foi se perdendo um pouco; devido a minha timidez, e sexualidade, sofria muito o que chamamos hoje de “bullying”, isso me fez perder o interesse de ir para escola. Os meninos da sala se afastaram de mim. Recordo-me de um episódio em que estava no pátio na hora do “recreio”, conversava com um novo colega de sala, que acabara de chegar na escola, quando um grupo de meninos da minha sala, nos abordaram, e disseram para o garoto se afastar de mim, pois eu era “mulherzinha”, “veadinho”; não seria bem-visto ele ter amizade comigo. Foi óbvio que ele cedeu à pressão e se distanciou de mim. Minhas amizades na escola eram restritas e basicamente femininas.

⁴ Em um país como o Brasil, a grande maioria se autodenomina “religiosa” (cristã, evangélicas ou católicas), fica evidente que tais práticas são guiadas por preceitos religiosos que rotulam um padrão de comportamento moralmente aceitável dentro de uma sociedade. É visível que o modelo de relação e orientação dita como cis heteronormatividade é a norma e que outra orientação sexual que contrapõe esse modelo é posta como “pecado”, além de pressupor que outras sexualidades como perversas, criminosas e doentias. Desse modo, as instituições e líderes religiosos usam de falas preconceituosas que oprimem a população LGBTQIAPN+, criando situações que patologizam novamente a homossexualidade, colocando-a na posição de doença que pode ser “curada” mediante alguma intervenção ou suporta “terapia de conversão”. (<https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/373/314>, Acessado em 29/10/2024).

Excluído no ambiente escolar, sendo motivo de piada, deboche, brincadeiras homofóbicas o adolescente não identificado, desestrutura-se, perdendo o prumo, a meta e o sentido de continuar num sistema educacional que o deixa mais triste e confuso. "Quando chega a ser tratado o conhecimento em sala de aula sobre sexualidade é tipicamente sinônimo de reprodução heterossexual, embora até mesmo esse conhecimento seja banalizado". (Britzman, 1996, p.78).

As aulas de educação física eram o terror para mim; o professor separava os meninos das meninas, por não ser bem-quisto no meio deles, não participava com frequência das aulas; ou seja, ficava com “falta” e minhas notas eram ruins. Segundo Britzman (1995) A homofobia institucionalizada na escola não apenas marginaliza os alunos LGBTQIAPN+., mas também lhes nega a oportunidade de desenvolver uma identidade positiva e segura. Por diversas vezes, chorava em silêncio em meu quarto sem meus pais notarem, pois tinha vergonha e medo que eles soubessem das agressões físicas e psicológicas que sofria na escola. Já que meu pai, por ter tido uma educação machista, jamais gostaria de saber que seu filho não era “macho”, dessa forma, por não querer apanhar em casa, mantinha em segredo essas questões. Apesar de todo drama que eu vivia, sempre tentei me dedicar ao máximo nos estudos, não era o melhor aluno da sala, mas ficava na média.

O Artigo 205 da Constituição Federal de 1988 estabelece que “a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No entanto, quando refletimos sobre a prática educacional em muitas escolas brasileiras, é evidente que a vivência escolar nem sempre cumpre esse ideal constitucional, especialmente para aqueles que não se enquadram na norma heteronormativa. Com início na família, e, posteriormente na escola, reitera-se manutenção dos papéis “naturais” para o homem e a mulher, pelos discursos e práticas impeditivos, omissos e imutáveis. Assim, as pessoas não heterossexuais são socialmente invisíveis, hostilizadas e não respeitadas (Butler, 2018).

Segundo Butler (2018) a heteronormatividade pode ser definida como uma estrutura de poder que normaliza e naturaliza a heterossexualidade como a única forma legítima de sexualidade, marginalizando e silenciando outras formas de identidade sexual e de gênero.

A heteronormatividade nas escolas se manifesta de diversas formas, desde o currículo que ignora ou marginaliza a diversidade sexual e de gênero até práticas pedagógicas e interações sociais que reforçam um modelo único de identidade e comportamento, reforça Oliveira (2017). Essa realidade colide frontalmente com os princípios do Artigo 205, acabando por excluir e estigmatizar aqueles que fogem da norma estabelecida.

A imposição da heteronormatividade nas escolas impede que indivíduos LGBTQIAPN+. se vejam representados e respeitados no ambiente escolar. Em vez de se preparar para o exercício da cidadania, esses estudantes muitas vezes enfrentam um ambiente hostil, onde são alvos de bullying, discriminação e silenciamento. Tal cenário não só viola o direito à educação de qualidade, mas também impede o desenvolvimento integral dessas pessoas, comprometendo seu bem-estar emocional e social.

A homofobia assume características institucionais ao ser não apenas tolerada, mas também transmitida, evidenciando a necessidade de desenvolver pesquisas que examinem as dinâmicas de sua geração e perpetuação nas escolas, além de investigar seus impactos nas trajetórias acadêmicas e nas vidas de todas as pessoas. Intimidações, discriminações, tratamentos preconceituosos, ameaças, agressões físicas e verbais têm sido comuns na vida escolar de jovens e adultos LGBT (Junqueira, 2009).

A escola é um ambiente favorável e propício às interações, pois constitui um espaço rico em relações sociais, onde os comportamentos das crianças e adolescentes entre si, com os professores e demais profissionais da educação, assim como nos grupos dos quais fazem parte, são impregnados de valores e crenças. Uma análise crítica e reflexiva dessa realidade exige considerar a importância do contexto sócio-histórico-cultural nessas relações interpessoais dentro do ambiente escolar. É crucial destacar que a problematização da homofobia possibilita a criação de ações preventivas e de enfrentamento ao problema, além de

proporcionar um maior esclarecimento da população sobre o assunto. Isso resulta na melhoria da qualidade das relações escolares entre adolescentes e na promoção de uma sociedade verdadeiramente igualitária, onde o respeito à diversidade prevaleça (Silva & Barreto, 2012).

O que se observa é o quanto a orientação sexual ainda é negligenciada enquanto fator motivacional para ocorrência do bullying homofóbico no contexto escolar. Percebe-se que a sociedade se exime de seus deveres enquanto instância que deve garantir a segurança e proteção dos indivíduos. Imprescindível na abordagem desse tema é a reflexão acerca do papel exercido pelas instituições de poder, tal como a escola, no que concerne ao controle e vigilância da sexualidade dos indivíduos (Silva & Barreto, 2012).

Relacionado a esses episódios, comecei a me martirizar, a me questionar sobre meus sentimentos e desejos afetivos e sexuais pelo mesmo sexo, as atitudes homofóbicas dos meus colegas de turma comigo; um sentimento de culpa que me tomava. Como forma de combate contra tudo isso, comecei a frequentar os grupos religiosos da igreja católica, na esperança de que por obra divina, eu me transformasse em uma pessoa dita “normal” para os padrões da igreja e da sociedade.

Por estar imerso na doutrina Católica Apostólica Romana, que condenava severamente o pecado e suas manifestações, sentia-me culpado por ter sentimentos que não deveria, por pensar coisas inadequadas e por esconder tudo isso, muitas vezes exibindo apenas uma fachada que nada refletia quem eu realmente era. Perguntava-me como Deus podia permitir que eu, ainda tão jovem, sentisse atração por alguém que Ele não desejava para mim. Seria Deus tão injusto a ponto de permitir que uma criança inocente sentisse tais coisas? A revolta se misturava à culpa religiosa ao ver refletido no espelho algo tão condenado, algo que eu mesmo não considerava correto, pois havia aprendido, através dos ensinamentos bíblicos, que o certo era a relação entre homem e mulher, para a formação de uma família, conforme os preceitos religiosos. A Homossexualidade é reprovada pela igreja desde o nascimento do cristianismo, sendo vista como uma ação pecaminosa. O fundamento dessa condenação, segundo Fernandes (2004) e a interpretação predominante da doutrina cristã, surge, em primeiro lugar, do fato de o ser humano

ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, com Adão e Eva sendo concebidos para que homem e mulher se complementassem, garantindo a continuidade da espécie. O mandamento de crescer e multiplicar-se deveria ser cumprido. Já os homossexuais adotariam um comportamento oposto ao plano divino, pois, se Deus quisesse, teria criado apenas um sexo, e não dois. Em segundo lugar, as práticas homossexuais são vistas como não reprodutivas e fora do contexto matrimonial.

As dúvidas sobre a permissão de Deus me atormentaram por anos. Por isso, decidi tentar suprimir, ou pelo menos esconder bem no fundo, tudo o que sentia, esforçando-me para adotar a postura e a imagem de uma criança "ideal", desejada e querida por todos, uma criança perfeita. Mas apenas eu sabia que dentro de mim havia sentimentos "impuros", ou pelo menos foi assim que acreditei por muitos anos.

Esse drama perdurou por todo Ensino Fundamental II; quando através de muita insistência com meus pais, mudei de escola no ensino colegial, fui para uma escola mais distante da minha casa, mas que era considerada como uma das melhores escolas públicas da minha cidade; e que se tornou um verdadeiro refúgio para mim. Desde o primeiro dia, senti que aquele ambiente seria diferente. Fui acolhido de forma genuína pelos colegas e pelos professores, que sempre demonstraram respeito pela minha identidade, mesmo não sendo "assumido". Ser um estudante homossexual poderia ter sido um grande desafio, mas ali encontrei um espaço seguro onde eu podia ser eu mesmo, sem medo de julgamentos.

Lembro-me das aulas de filosofia, em que o professor fazia questão de incluir discussões sobre diversidade e respeito às diferenças. Ele incentivava o diálogo aberto, promovendo uma cultura de aceitação que se estendia a todas as salas de aula. Em uma dessas aulas, ele falou sobre a importância de celebrarmos as identidades de cada um, e naquele momento percebi que não estava sozinho.

Apesar de não ter assumido minha homossexualidade para os meus colegas de turma, percebia que eles sabiam da minha orientação sexual, mas sempre me trataram com respeito e aceitação. Fiz boas amizades, mas não conseguia confiar totalmente em nenhum deles, pois meu segredo mais importante poderia ser descoberto se eu permitisse que alguém se aproximasse demais. Em busca de respeito e reconhecimento, sempre me esforcei para ser o melhor aluno da turma, obtendo excelentes notas.

Além disso, a escola promovia eventos como debates, oficinas e rodas de conversa sobre temas como inclusão e empatia. Esses espaços me permitiram compartilhar minhas vivências, ouvir outras histórias e sentir que fazíamos parte de uma comunidade que se preocupava com o bem-estar de todos. Foi lá que comecei a desenvolver minha autoconfiança, percebendo que ser quem eu era não era motivo de exclusão, mas sim uma parte valiosa da minha história.

A experiência naquela escola me mostrou que o respeito e o acolhimento fazem toda a diferença na vida de um jovem. Ela foi fundamental para que eu visse o estudo não apenas como uma obrigação, mas como uma oportunidade de crescer em um ambiente que me aceitava por completo.

Eu gostava de fazer trabalhos e pesquisas com colegas que, de certa forma, se aproveitavam do meu esforço, pois sempre acabava sobrecarregado com as tarefas que deveriam ser divididas. Isso me deixava extremamente irritado, mas, por razões que não entendia na época, não conseguia me afastar desses alunos e, muitas vezes, até preferia essa situação, como se não pudesse (ou não tivesse o direito de) ter pessoas próximas a mim simplesmente por ser quem eu era.

Acredito, que isso acontecia porque me sentia pressionado a ser "bonzinho" com todos, para ser aceito nos grupos. Assim, não podia recusar o que os outros me pediam, pois isso poderia prejudicar a imagem que eu criava para eles. Talvez também fosse devido às provocações sobre meu jeito de ser e as insinuações de que eu era gay (algo que eu não aceitava bem). Provavelmente, permanecia nessa situação por comodidade e para dar motivos para que as pessoas gostassem de mim ou, pelo menos, para que de alguma forma dependessem de mim.

Se em relação a escola, as coisas fluíam positivamente, em casa, a realidade era outra. Os questionamentos dos meus pais e familiares, relacionados a namoro e sexualidade, eram cada vez mais frequentes:

- E as namoradinhas, não vai apresentar pra gente?

Minha vontade, era sair correndo! De tanto constrangimento e nervoso com a exposição. Butler (1990) afirma que o universo da família tradicional, funciona como um espaço impositivo da norma heterossexual, onde a diferença é vista como desvio

e onde os filhos LGBTQIAPN+ podem enfrentar a negação de sua identidade por parte de seus próprios familiares.

Mesmo não falando ou “assumindo”, eu tinha certeza de que meus pais sabiam ou desconfiavam. Meu pai, mudou o comportamento comigo, qualquer situação que ele entendesse que fosse fora dos padrões ditos “normais”, era motivo para discussões, acusações e algumas vezes me agredindo fisicamente. Eu resistia, sofria calado, pois tinha medo que ao saberem da verdade, fosse colocado para fora de casa. Geralmente, muitas são as experiências frustradas que se inserem na relação filho homossexual/família, criando obstáculos na decisão de assumir a homossexualidade entre os casos analisados. As agressões, as ameaças e outros diversos tipos de violência expressam a intolerância, a frustração e os temores que esses familiares frequentemente manifestam ao lidar com a presença de um filho homossexual. (Soliva; Silva, 2014).

“A falta de aceitação por parte dos pais pode gerar diversos problemas emocionais e psicológicos para jovens homossexuais, que acabam sentindo a necessidade de ocultar sua verdadeira identidade.” (Grossi, 2010, P.103).

As especificidades e dimensões da homofobia familiar são amplas. Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa. (Schulman, 2010, p.38).

Quanta dor, tristeza e confusão! Tudo isso me levou a esconder o que sentia, guardando tudo no mais profundo do meu ser, para que ninguém soubesse. Talvez, assim, eu pudesse me convencer de que viver como heterossexual seria o melhor caminho. Mas tentar esconder é bem diferente de conseguir, já que meus trejeitos me revelavam. De acordo com Rosa e Romanini (2020) a aceitação do público LGBTQIAPN+ é demasiadamente nutrida de más intensões, ofensas, desgastes sentimentais e, principalmente, medo. Muitos/as acabam se sentindo inseguros/as em relação à sua “liberdade” de orientação sexual por conta do meio familiar, social, político e religioso em que vivem.

Após o término do Ensino Médio, eu, um jovem de dezoito anos, entrei naquele momento de crise existencial, de dúvidas, medo do futuro, confuso em que rumo seguir, que área profissional escolher; aliado a isso, também a necessidade de

conseguir um trabalho, para poder custear a faculdade e ajudar a família nas despesas de casa. Todo esse conflito, fez com que eu adiasse por um ano o início da minha carreira acadêmica. Até o início da vida adulta, eu era bastante expansivo, comunicativo e até mesmo impulsivo em alguns aspectos. No entanto, tenho buscado controlar esses impulsos, adotando uma postura mais centrada, especialmente devido aos cargos que ocupo. Ainda assim, sou uma pessoa amiga, companheira e, por que não dizer, corajosa.

Minha história de vida talvez não seja muito diferente da de muitos outros jovens gays, mas o que me distingue de muitos deles é que, por vezes, não conseguem lidar adequadamente com sua sexualidade, assim como eu também não consegui lidar por muitos anos.

A pressão para se conformar a normas heterossexuais, combinada com a homofobia estrutural, faz com que muitos jovens gays experimentem dificuldades significativas ao tentar lidar com sua sexualidade, muitas vezes vivendo em um estado constante de medo e ansiedade. (Grossi, 2010, p. 156).

Já com um trabalho estável, comecei a pesquisar sobre cursos superiores, fazer testes vocacionais, tentar escolher um curso que me realizasse nos aspectos pessoais e financeiros, e que atendesse as minhas condições financeiras. Diante desses pressupostos, acabei optando pelo curso de Licenciatura Plena em Educação Física.

1.3. Saindo para fora do “armário”

O voleibol sempre foi mais do que apenas um esporte para mim; foi uma verdadeira escola de vida. Desde cedo, ele despertou em mim uma paixão que se tornou a base da minha trajetória pessoal e profissional. Foi essa paixão que me impulsionou no ano de 2002, a seguir uma carreira em educação física, e, ao longo dos anos, percebi que o voleibol moldou não apenas o meu corpo, mas também meu caráter.

Através do voleibol, aprendi a importância do trabalho em equipe, da disciplina e da superação dos próprios limites. Cada partida, cada treinamento, era uma lição que ia além das quadras, ensinando-me a lidar com vitórias e derrotas, a ter resiliência e a buscar sempre o meu melhor. Esses valores, que primeiro aprendi

jogando, foram fundamentais para que eu desenvolvesse habilidades que me acompanham até hoje na minha atuação como educador.

Foi no calor das partidas e na energia dos treinos que decidi me aprofundar na educação física, entendendo como o esporte tem o poder de transformar vidas. Essa escolha me abriu portas para o campo da educação, onde posso passar adiante os aprendizados que o voleibol me proporcionou.

O voleibol foi, sem dúvida, um catalisador de mudanças na minha vida, impulsionando-me a explorar novos horizontes e a construir uma trajetória marcada pelo amor ao ensino e ao esporte. E, já que não consegui ser um atleta de elite nesse esporte, então por que não ser um treinador e tentar trabalhar nessa área?

Foi na época da faculdade, que iniciou a minha “libertação”, ou seja, externar meus verdadeiros sentimentos e desejos, relacionados a minha sexualidade. Processo popularmente chamado de “Sair do armário”. Me aproximei de um grupo de meninas da minha turma, onde abri sobre minha sexualidade; encontrei nelas um porto seguro. Assim, fui gradualmente revelando para elas, uma a uma, começando pelas que pareciam mais liberais até chegar às aparentemente mais rígidas. Tentava me convencer de que, se elas quisessem continuar a amizade após saberem, ótimo! Se não, certamente não seria uma amizade sincera. O ato de revelar a orientação sexual no contexto escolar, segundo Junqueira (2007) é frequentemente marcado por diversos obstáculos, como o receio de ser rejeitado por colegas e professores, além do risco de se tornar vítima de discriminação e *bullying*. Apesar dessas adversidades, muitos jovens consideram esse passo crucial para a afirmação de sua identidade.

Com uma delas, o fato de me abrir, também a encorajou; e para minha surpresa, ela revelou que sentia atração por meninas, mas que ninguém sabia, nem seus familiares e amigos. É Claro, que nossa amizade a partir daí se fortaleceu; agora, podíamos dividir os segredos mais íntimos das nossas vidas.

Ao contrário do ambiente escolar, a faculdade se transforma em um espaço que incentiva processos de autoaceitação para os jovens homossexuais, já que, nesse contexto, o tema é considerado corriqueiro, com maior aceitação das pessoas e mais interação com a comunidade LGBTQIAPN+. Ao se envolverem com outras pessoas dessa comunidade, começam a frequentar lugares e festas desse meio,

inicialmente escondendo isso dos pais. Eles também levam parceiros para casa sob o pretexto de serem apenas amigos. Esses jovens ocultam tais informações dos pais por medo e por não estarem prontos para se assumirem, mas também temem que os pais descubram a verdade ou saibam sobre sua orientação sexual por meio de terceiros. (Rosa; Romanini, 2020).

Gradativamente, conforme o tempo passava fui me abrindo e revelando para os outros colegas de turma. Acredito que a escolha pelo curso de Educação Física tenha contribuído para o meu processo de aceitação, confiança e exposição. Pois, um dos aspectos mais enriquecedores desse curso é a diversidade dos estudantes que o frequentam. Pessoas de diferentes idades, origens étnicas, gêneros e experiências de vida trazem uma variedade de perspectivas e conhecimentos para o ambiente acadêmico. Essa diversidade reflete a natureza inclusiva do esporte e da atividade física, que transcendem barreiras culturais e sociais. Eu me sentia acolhido e respeitado por todos.

Com o decorrer do curso, em 2003 consegui uma bolsa de Estágio, em um projeto social da prefeitura de Catanduva; projeto que prestava assistência a crianças carentes, onde eram desenvolvidas diversas atividades: Reforço escolar, esportes, recreação, artesanato e alimentação. A experiência vivida naquele espaço me fez despertar a paixão pelas questões sociais, a preocupação com as crianças marginalizadas de periferia, o papel social e transformador que nós educadores possuímos e temos o dever de exercer. Valores que agreguei no decorrer da minha trajetória e que carrego atualmente.

Durante os quatro anos de faculdade, foram diversas as experiências profissionais de estágios que pude realizar: Volei adaptado com idosos, aulas de hidroginástica e ginástica localizada para adultos, monitor esportivo em projetos sociais; uma gama de atividades que enriqueceram meu currículo e contribuíram para minha formação.

Se por um lado, na faculdade encontrava apoio com as questões da minha sexualidade, em casa, a realidade era outra. Por mais que eu já me encontrasse na fase adulta, ganhava a bolsa de estudo da faculdade através do estágio remunerado que exercia; ainda não tinha independência financeira ou uma estrutura que pudesse arcar com despesas de uma residência. Pois na minha cabeça, se

revelasse para o meu pai sobre minha sexualidade, me colocaria para fora de casa; devido á vários conflitos entre mim e ele, já mencionados anteriormente, e sua postura machista e homofóbica que sempre fazia questão de demonstrar.

Logo, por crescerem e serem criados/as através dos padrões heteronormativos, jovens LGBTQ+ não se sentem à vontade para sair do armário para seus pais e/ou mães por medo da reação destes/as, esperando comportamentos negativos, como agressividade ou até mesmo a expulsão de casa. Uma vez saídas do armário, essas pessoas ainda precisam enfrentar a homofobia na sociedade, não sabendo o que esperar desta, se restringem, deixando de agir normalmente – como andar de mãos dadas ou não beijar o/a parceiro/a publicamente, não andar sozinho/a na rua à noite, medo de ser demitido/a por conta de sua orientação sexual, medo de ser agredido/a etc. (Rosa; Romanini ,2020, p.78).

Como consequência também, segundo França (2009, p.25) “Os pais normalmente reagem com choque, raiva e sentimento de culpa, mas também podem demonstrar negação ou vergonha”.

Dentre os motivos pelos quais os/as jovens optaram por não contar de imediato a sua orientação sexual para seus pais e/ou mães, encontra-se a questão de grande parte dos pais e/ou mães expressarem em casa os seus pensamentos homofóbicos, fazendo comentários e piadas, assim como tendo comportamentos de repulsa à população LGBTQ+ (Rosa; Romanini ,2020, p.92).

Finalmente no final de 2005, terminei minha faculdade; e mais uma vez me bateu a angústia e a incerteza do futuro – o que será que vem por aí?

2. O ENFRENTAMENTO QUE FORTALECE

2.1. Resistência dos pais

No início de 2006, participei de um processo seletivo temporário de professores, para trabalhar como recreacionista⁵ na rede municipal da minha cidade. Para minha felicidade, fui aprovado; ingressando em uma escola de ensino infantil, numa turma de jardim II, onde as crianças tinham por volta de seis anos. A conexão com os alunos foi instantânea, nos divertíamos muito com as atividades recreativas (jogos e brincadeiras); a “molecada” fazia a festa. Infelizmente, como nem tudo são flores; encontrei a minha primeira “barreira” da minha trajetória profissional. Nessa época, não era comum, homens, atuarem no ensino infantil, era um universo dominado pelas mulheres. Agora imaginem vocês, um homem (homossexual), trabalhando com crianças... Encontrei resistência por parte de alguns pais e/ou responsáveis, que fizeram reclamações e denúncias infundadas relacionadas a minha orientação sexual com minha atuação profissional; alegando que de alguma forma eu pudesse fazer algo contra a integridade física, emocional e sexual dos seus filhos.

No ambiente escolar, professores gays frequentemente se deparam com uma cultura institucional que reforça a heteronormatividade, resultando em discriminação sutil ou explícita. A sexualidade do professor torna-se um campo de julgamento moral, impactando negativamente sua experiência profissional e seu relacionamento com a comunidade escolar (Facchini, 2009, p. 54).

A discriminação contra pessoas homossexuais no local de trabalho é uma realidade que, embora frequentemente oculta, está profundamente entranhada. A existência de um colaborador homossexual, pode ser vista como uma ameaça à cultura heteronormativa dominante, resultando em comportamentos de exclusão,

⁵ Profissional que atua na Educação Infantil, desenvolver atividades recreativas, observando a faixa etária, utilizando técnicas e materiais adequados, contribuindo para o desenvolvimento psicomotor.

marginalização e, em casos mais graves, violência tanto psicológica quanto física (Viana, 2010). Confesso que talvez pela inexperiência e pouca idade, não consegui me posicionar e me defender diante do corrido; mas, tive muito apoio da direção escolar, professores e da maioria dos pais; que felizmente, intervieram na situação por mim, e com o decorrer dos meses, fui desmanchando a imagem negativa erroneamente impetrada a mim, culminando numa avaliação positiva da minha diretora e de todos os pais e alunos no final do ano letivo.

Em 2007, após uma rigorosa seleção de projetos, consegui ingressar na Rede Estadual de Educação de São Paulo, numa escola de tempo integral que atendia crianças e adolescentes dos bairros periféricos. Esses alunos enfrentavam uma série de desafios sociais, incluindo drogas, criminalidade, falta de estrutura familiar e dificuldades financeiras. Na escola, os alunos dedicavam as manhãs às disciplinas obrigatórias e as tardes às oficinas culturais. Meu projeto focava em jogos cooperativos para os alunos do Ensino Fundamental II. No entanto, a falta de experiência me trouxe muitas dificuldades, enfrentando resistência, desinteresse e agressividade por parte dos alunos. Foi durante este período que, pela primeira vez, ouvi um estudante me chamar de "veado". Após repreendê-lo por uma atitude indisciplinada, ele me direcionou essa ofensa. Na época, eu ainda não havia me assumido para meus colegas de trabalho e estudantes, e confesso que fiquei surpreso e espantado com a agressão verbal. Não estava preparado para ouvir algo assim e, no calor da emoção, acabei reagindo de forma inadequada, ofendendo o estudante também. Reconheço que minha reação não foi correta, mas agi impulsivamente. Após esse momento tenso, encaminhei o estudante para a diretoria, e solicitei que fosse tomada alguma providência com o estudante. O aluno foi advertido e diante do seu responsável teve que se retratar, através de um pedido de desculpas. Esse episódio evidenciou o quanto o início da minha carreira como educador foi desafiador, especialmente em relação à minha sexualidade. Para me proteger de situações semelhantes, acabei me fechando no "armário", acreditando que isso me evitaria situações vexatórias e discriminatórias. De acordo com Sedgwick (2007, p.21), "o armário desempenha um papel significativo para pessoas não heterossexuais, pois para muitas, ele continua sendo um aspecto essencial da vida social". Dessa forma, estar no armário (não revelar sua orientação sexual) ou

fora dele (assumir-se) são posições constantemente avaliadas, mensuradas e ponderadas pelos indivíduos.

Imagem 3 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 2



Fonte: Casa 1

2.2. Homofobia velada.

Em 2009, após ser aprovado em um novo processo seletivo, trabalhei em uma escola municipal de ensino infantil, novamente com uma turminha de jardim II.

A escolinha era pequena, e atendia a comunidade humilde do bairro, os alunos estudavam em período integral; no período da manhã, a turminha ficava comigo, desenvolvendo as atividades de recreação, já no período da tarde, tinham aulas dos componentes curriculares com outra professora. Sempre pela manhã, eu recebia os “aluninhos” na porta da sala, deixados geralmente pelos pais ou pelo “tio da Van”. Num certo dia, logo pela manhã, quando realizávamos essa acolhida, uma mãe de um aluno, me abordou de forma agressiva e aos gritos;

_ Você, bateu no meu filho! Ele falou que você apertou o braço dele.

Confesso, que na hora fiquei paralisado com a situação; não esperava uma atitude ou reação desse tipo; sendo que, o que a mãe estava supondo, jamais teria ocorrido. Com a ajuda da diretora que prontamente interveio na situação, a mãe se acalmou, mas queria que fosse tomada alguma providência, e que iria fazer reclamação na Secretaria Municipal de Educação. Enfim, novamente por ser homossexual, estava enfrentando uma situação discriminatória; uma história inventada pela mãe, sem fundamento nenhum, com o único objetivo de me “tirar” da escola. Diante dessa situação, cansado de mais uma vez ter que me deparar com situações homofóbicas no trabalho, não me calei, enfrentei a situação, me posicionando, confrontando a mãe, solicitando providências junto a direção da escola e a Secretaria Municipal da Educação; que atuaram a meu favor. Outro ponto importante a se destacar, é que, de acordo com Santos; Silva e Souza, (2015) o silenciamento e a negação da homofobia na esfera escolar podem desencadear em práticas de omissões, discriminações, convivências com as múltiplas formas de violência cotidianas, que se manifestam pelo afastamento, desprezo e segregação dos indivíduos discordantes da norma heterossexual hegemônica. A discriminação contra professores LGBTQIAPN+ no ambiente escolar é uma questão recorrente, manifestando-se de diversas formas, desde a exclusão social até a perseguição institucional, e contribuindo para a perpetuação de um ambiente de trabalho que marginaliza a diversidade sexual. Infelizmente, os profissionais da educação que se identificam como gays enfrentam uma realidade de discriminação institucional que não reflete apenas na sua autoestima e desempenho profissional, mas também reverbera um ambiente escolar hostil à diversidade sexual, reforçando a marginalização dessas identidades (Bento, 2011).

2.3. Os traumas aumentam

Trabalhei nessa escolinha até o meio do ano, pois após aprovado em concurso público, me efetivei na prefeitura de Catanduva, com o cargo de Técnico desportivo; onde iria trabalhar com escolinhas de esporte, área fitness, e principalmente o esporte que tanto gostava – o voleibol. Meu local de trabalho, era um conjunto esportivo pequeno, localizado em um bairro próximo ao centro da cidade; apesar de pequeno, era muito movimentado pela comunidade. As aulas de natação dominavam o “pedaço”; pessoas de várias idades participavam das aulas. Éramos em poucos professores e funcionários, nos relacionávamos muito bem, me sentia respeitado e acolhido, principalmente referente a minha orientação sexual. Confesso, que mesmo estando em um ambiente bacana e inclusivo, os fantasmas das minhas experiências passadas me rodeavam, o medo de que algo de ruim acontecesse comigo, algum ato de homofobia por parte de algum aluno ou pai de aluno direcionados a mim, enfim; me policiava, quanto minha postura, minha fala, meus “trejeitos”; até quando utilizava o banheiro... eu primeiro olhava se não tinha ninguém dentro do vestiário, para depois entrar, na minha cabeça eu achava que alguém poderia falar que pudesse estar olhando alguém trocar de roupa ou até mesmo coisa pior; já que muitos alunos tomavam banho, trocavam bastante de roupa, devido as aulas de natação.

A heteronormatividade, que estabelece a heterossexualidade como norma dominante, perpetua estereótipos prejudiciais e cria um ambiente propício para o surgimento e perpetuação do assédio moral contra indivíduos LGBTQ+. Como consequência, a pressão para conformidade aos padrões heterossexuais predominantes pode resultar na ocultação da identidade sexual no trabalho, como estratégia para evitar discriminação ou exclusão (Filho; Lima, 2024, P. 488).

Em 2011, após ser aprovado no concurso público para professor, fui efetivado no cargo Professor de Educação Básica II, numa cidade que ficava aproximadamente trinta quilômetros da minha cidade. Fui muito bem acolhido pelos alunos, onde pude construir vínculos de amizade e respeito; pude realizar um trabalho sólido, criativo e satisfatório; Já! pelo lado dos professores e funcionários, especificamente falando de uma funcionária, houve uma situação muito desagradável. Como disse anteriormente, sempre procurei desenvolver vínculos

positivos, fraternos e solidários com os meus alunos, durante as aulas; e principalmente baseei essa relação com muito respeito, tanto, que todo final de ano era escolhido para padrinho de turma na formatura. Mas voltando a falar da “fulana”; não sei se ela não gostava de mim, ou tinha algum tipo de preconceito pela minha orientação sexual, ou pelo simples fato do bom relacionamento que eu tinha com os estudantes; fato que, ela teve a audácia de chegar em um aluno de forma caluniosa e insinuar para ele, que pudesse ter algo mais íntimo comigo. Primeiro, que essa atitude dela não foi de longe, ética, profissional, elegante... Fazendo uma abordagem das formas de violência moral no contexto do trabalho, envolvendo homossexuais, é observada a existência de um cenário de violência moral e de omissão dos superiores, no que se refere à hierarquia organizacional, em relação a situações de discriminação (Siqueira, et al, 2009). É importante lembrar que a violência e o assédio moral no trabalho são fenômenos caracterizados por submeter trabalhadores a situações de humilhação e constrangimento, hábito muito comum em ambientes em que há não só homossexuais, mas também negros e mulheres (Bobroff; Martins, 2013).

Quando chegou ao meu conhecimento, minha reação e vontade foi de “esganar” a coitada! Mas, é claro que não fiz isso. Conte para minha diretora na época, que me acalmou, e que a chamaria para conversar e adverti-la. Diante da gravidade poderia ter aberto um processo contra ela; mas acabei optando por não, pela confiança da direção no meu trabalho minha correta postura profissional.

Profissionais LGBTQIAPN+ enfrentam um ambiente de trabalho que, muitas vezes, é tóxico à diversidade sexual, resultando em atitudes discriminatórias que vão desde a negação de oportunidades de carreira até o assédio moral e sexual, criando um ambiente de trabalho excludente e opressor (Bento, 2006).

Apesar desse episódio infeliz, foram quatro anos muito gratificantes que vivi nessa escola; onde adquiri vasta experiência para poder seguir em frente na minha missão de educador.

Imagem 4 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 3



Fonte: Casa 1

2.4. Um momento de “trégua”

Em 2015, fui removido para outra unidade escolar que ficava numa cidade próxima à minha, lugar, onde guardo só lembranças boas e positivas. Tive um

acolhimento incrível de toda equipe escolar (direção, professores, funcionários, estudantes e comunidade); fator preponderante, que me deu confiança para não ter medo ser quem eu sou; onde eu me sentia aceito e respeitado. Sendo assim, surgiu dessa experiência de sucesso, a vontade de voltar a estudar e me capacitar na área de gestão educacional, pois sentia o desejo e o dever de aprofundar meus conhecimentos e tentar com minha prática promover uma transformação inclusiva na vida escolar de todos que viessem a trabalhar comigo. Cursei Pedagogia, e logo após uma especialização em psicopedagogia. E no ano de 2017, houve o concurso público para Diretor de Escola do Estado de São Paulo, e para minha felicidade fui aprovado. Nesse misto de emoções entre a alegria da aprovação e o medo e incerteza do futuro; após muita reflexão resolvi encarar o desafio, que mudaria minha trajetória profissional drasticamente.

A presença de uma rede de apoio entre colegas de trabalho é fundamental para a construção de um ambiente que respeite as identidades sexuais e de gênero. Sem esse suporte, os profissionais gays e trans podem enfrentar maior isolamento e dificuldades no ambiente laboral. (Bento, 2011, P. 95).

Quando assumi o cargo de diretor, em 2018, na cidade de São Paulo, senti uma mistura de orgulho e apreensão. Sabia que minha competência profissional me qualificava para a posição, mas também estava ciente dos desafios adicionais que enfrentaria por ser homossexual. Desde o início, decidi que não esconderia minha identidade, pois acreditava que a autenticidade era essencial para liderar com integridade.

Após alguns anos de vida profissional, algo transformador começou a acontecer na minha vida pessoal. Minha família, que até então demonstrava certo receio e dificuldade em aceitar a minha homossexualidade, passou a enxergar de outra forma minha identidade e quem eu realmente era. Esse processo foi lento e exigiu de ambos os lados uma boa dose de paciência, empatia e, acima de tudo, muita comunicação. Eles, observaram como eu enfrentava os desafios profissionais, especialmente aqueles relacionados à minha orientação sexual, com força e determinação. Essa atitude acabou desconstruindo algumas das barreiras que eles tinham, pois passaram a ver minha homossexualidade não como uma fraqueza, mas como parte do homem que eu estava me tornando: resiliente e cheio de coragem.

Entenderam que a minha sexualidade não me limitava; ao contrário, era um dos aspectos que me trazia profundidade, sensibilidade e uma visão única do mundo.

Com o tempo, minha família começou a demonstrar mais afeto e apoio. A primeira vez que recebi uma mensagem da minha irmã elogiando meu desempenho profissional foi um marco. Eles passaram a compartilhar, com orgulho, as conquistas que eu tinha no trabalho, mencionando como eu era dedicado e batalhador. Meu sucesso e aceitação no ambiente profissional se refletiram, aos poucos, dentro de casa. Esse apoio renovado foi um alicerce emocional que me trouxe ainda mais segurança para enfrentar os desafios, não apenas no trabalho, mas em todas as áreas da minha vida.

A aceitação deles tornou-se uma âncora emocional, reforçando que eu não estava sozinho e que, finalmente, era visto por quem realmente sou. Ter o apoio da minha família não apenas me fez mais forte, mas também trouxe uma sensação de pertencimento e paz que transformou minha jornada pessoal e profissional.

2.5. Recepção nada calorosa

No mesmo ano, consegui me remover para uma escola que fica na minha cidade natal, Catanduva; os vínculos afetivos com familiares e amigos, pesaram nessa decisão. Onde, no meu ambiente de trabalho, também optei por abrir sobre as questões relacionadas a minha orientação sexual. No entanto, logo percebi que essa abertura, traria consequências. Alguns colegas evitavam interações mais próximas, preferindo manter conversas estritamente profissionais. Houve momentos em que senti olhares julgadores e cochichos mal disfarçados pelos corredores da escola. Era evidente que meu simples ato de ser eu mesmo incomodava algumas pessoas. Segundo Nardi (2003) A homofobia sofrida por profissionais gays no ambiente de trabalho, é um reflexo de uma cultura escolar que ainda é resistente a diversidade sexual; dificultando o desenvolvimento profissional do indivíduo. Concernente a isto, Carrara (2004) pontua, que a homofobia coloca uma série de barreiras invisíveis aos profissionais gays, no seu ambiente de trabalho, onde a discriminação pode se manifestar tanto na forma piadas e comentários maldosos quanto na exclusão de oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional.

Tenho uma lembrança nítida do meu primeiro dia na escola como diretor, o “frio” na barriga, nervosismo estampado no rosto, sob os olhares julgadores de professores e estudantes. Eu digo, que a recepção não foi a das melhores, sofri um pouco de resistência por parte de um grupo antigo de professores da escola, que na minha percepção não gostaram da minha presença entre eles; mas por outro lado, tive um grande apoio de outros professores e funcionários, que foram fundamentais e me deram todo o suporte para seguir firme na minha missão.

Os desafios não se limitavam ao ambiente interno da escola. Pais e responsáveis começaram a questionar minhas decisões e minha capacidade de liderar a instituição. Durante uma reunião de pais, fui confrontado por um grupo que insinuava que minha orientação sexual poderia influenciar negativamente os alunos. A insinuação de que ser homossexual me tornava inadequado para o cargo foi um golpe duro, e percebi que teria que lutar não apenas para manter a integridade da escola, mas também para afirmar minha própria dignidade.

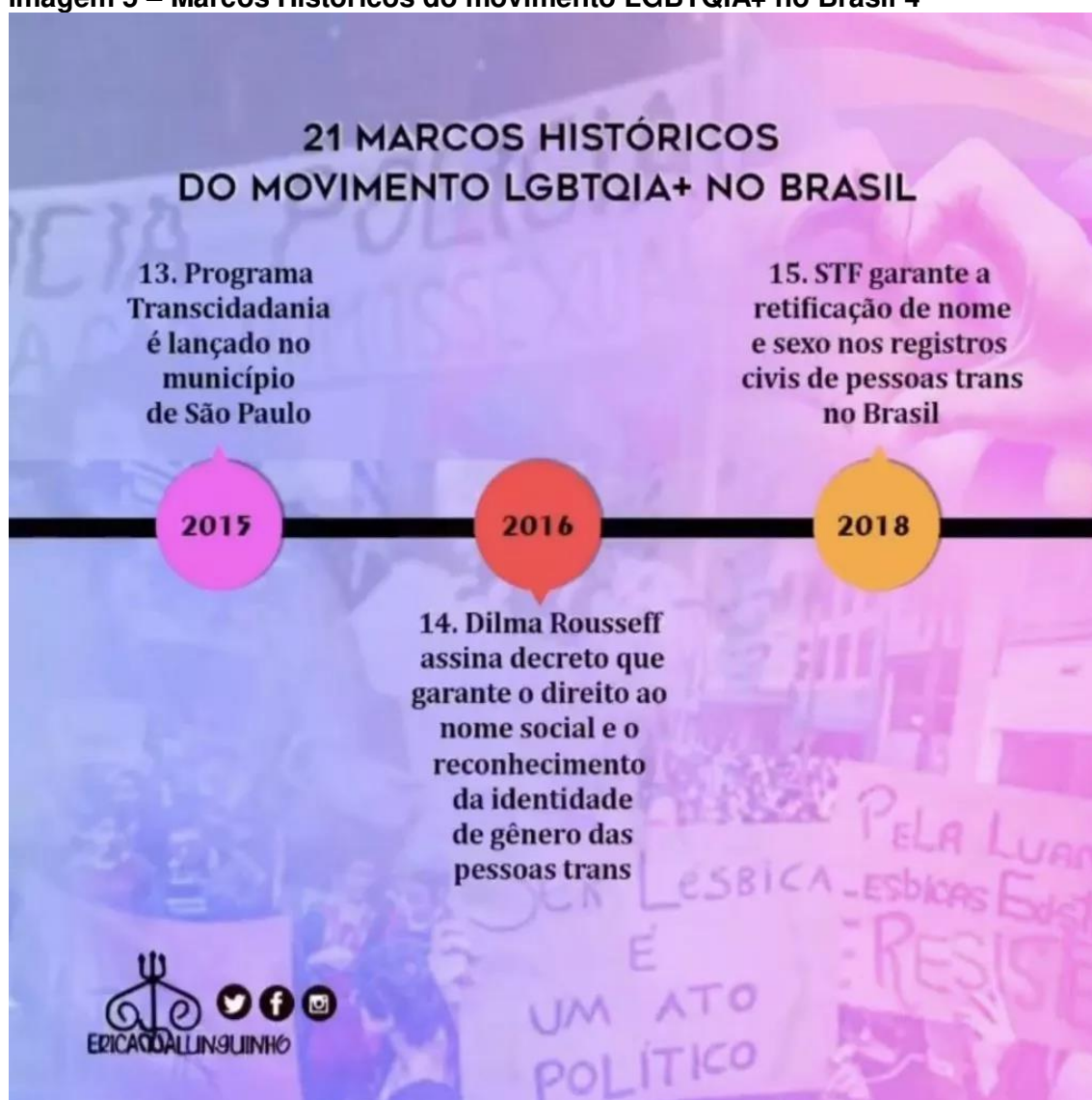
A presença de um profissional gay em um ambiente de trabalho que valoriza a masculinidade hegemônica pode resultar em uma série de discriminações sutis, que vão desde a negação de promoções até a exclusão social, criando um ambiente onde a heterossexualidade é tomada como norma e qualquer desvio é penalizado (Fry, 1982, p.89).

Apesar desses obstáculos, encontrei apoio em alguns professores e membros da comunidade escolar que reconheciam e valorizavam meu trabalho. Eles foram fundamentais para criar uma rede de apoio que me ajudou a enfrentar as adversidades. Juntos, trabalhamos para promover uma cultura de respeito e inclusão na escola, acolhendo os estudantes e familiares de LGBTQIAPN+, implementando programas e atividades educacionais que abordassem a diversidade e o combate ao preconceito dentro do ambiente escolar.

É de grande relevância o apoio dos colegas de trabalho para manutenção de um ambiente saudável e acolhedor para os profissionais gays. Esse suporte pode minimizar os efeitos da discriminação e criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para todos.

A pressão era constante, mas cada desafio superado era uma vitória. Houve momentos de exaustão e frustração, mas também houve momentos de triunfo e satisfação. Ver os alunos se beneficiando de um ambiente mais inclusivo e os professores abraçando a diversidade como um valor essencial foi uma recompensa inestimável.

Imagem 5 – Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 4



Fonte: Casa 1

2.6. Tempos obscuros

Conforme os meses foram passando, fui aos poucos me familiarizando, com as atribuições do cargo de um diretor de escola, me adaptando a nova função, mas em contrapartida em 2020, com a pandemia da COVID 19, me vi diante muitas dificuldades, incertezas, dilemas e medos.

Durante a pandemia, todas as minorias, incluindo a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil enfrentaram grandes desafios, agravados por um cenário de retrocesso em políticas públicas voltadas para a diversidade e a proteção de direitos. O governo de Jair Bolsonaro, que esteve no poder de 2019 a 2022, adotou uma postura que se caracterizou por uma série de discursos e ações desfavoráveis aos avanços de direitos LGBTQIAPN+, afetando diretamente essa população em um momento de crise sanitária e econômica.

No período da pandemia, muitas das ⁶iniciativas voltadas para a proteção e inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ perderam força. O governo Bolsonaro, que frequentemente se manifestava de forma hostil a essas pautas, suspendeu programas e deixou de apoiar diversas ações que vinham sendo promovidas em anos anteriores. Em diversas ocasiões, o próprio presidente e membros de seu governo se posicionaram de forma negativa em relação à comunidade, reforçando preconceitos e estigmas.

Um exemplo de retrocesso foi a diminuição do apoio a programas sociais e educacionais voltados para o combate à discriminação e promoção de direitos humanos. Em 2019, logo no início do governo Bolsonaro, o Ministério da Educação chegou a retirar a recomendação de referências a temas relacionados à diversidade de gênero e orientação sexual dos livros didáticos. Essa ação foi um indicativo de

⁶ Mantido ao longo dos três primeiros anos de governo Bolsonaro, o Departamento de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (DPLGBT) foi extinto por meio do [Decreto nº 10.883, de 6 de dezembro de 2021](#). O órgão era responsável por coordenar ações voltadas a essa população no âmbito do governo federal e estava vinculado ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, então comandado por Damares Alves.

Criado em 2009, durante o governo Lula, [como coordenadoria](#), o órgão [foi alçado ao status de diretoria na gestão Temer](#), em 2017. Desde a extinção do departamento, a temática LGBTI+ está a cargo da Secretaria Nacional de Proteção Global, também responsável pela população em situação de rua. (<https://adiadorim.org/reportagens/2022/10/retrocesso-e-sucateamento-a-politica-lgbti-do-governo-bolsonaro/>. Acessado em, 23/01/2025).

uma postura governamental que deixava de lado a inclusão e o respeito à diversidade nas escolas.

Além disso, a pandemia trouxe desafios específicos para a comunidade LGBTQIAPN+, como o aumento da vulnerabilidade econômica. Muitos membros da comunidade, que já enfrentavam dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e viviam em situações de informalidade, perderam suas fontes de renda. A falta de políticas de amparo específico para essas pessoas agravou a situação, já que medidas como o auxílio emergencial não foram pensadas levando em conta as particularidades de grupos historicamente marginalizados, como é o caso da população trans, que teve dificuldades em acessar os recursos devido à burocracia e à falta de documentação adequada.

O cenário também foi marcado pela ausência de uma política nacional de combate à violência contra pessoas LGBTQIAPN+. Dados de organizações como o Grupo Gay da Bahia (GGB) mostram que o Brasil continuou sendo um dos países que mais registrou casos de violência e homicídios de pessoas LGBTQIAPN+ durante esse período. O governo federal, no entanto, não adotou medidas específicas para enfrentar essa situação, deixando a cargo de estados e municípios a execução de ações de proteção.

Com a falta de um direcionamento federal, a rede de apoio social e de direitos que existia antes da pandemia se enfraqueceu, levando a um agravamento das condições de vida de muitas pessoas LGBTQIAPN+, especialmente das mais vulneráveis. Movimentos sociais e organizações não governamentais foram os principais responsáveis por preencher essa lacuna, mas enfrentaram dificuldades devido à escassez de recursos e ao contexto político desfavorável. O contexto foi marcado por um retrocesso significativo nas políticas públicas de apoio e proteção. A postura do governo Bolsonaro, aliada à crise sanitária, intensificou a marginalização de uma população que já enfrentava desafios estruturais, tornando o período ainda mais difícil para aqueles que buscavam direitos e dignidade.

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeras dificuldades e desafios para diversos setores da sociedade, e a educação foi um dos mais afetados. Com o fechamento das escolas e a necessidade de isolamento social, estudantes,

professores e instituições educacionais enfrentaram uma série de obstáculos na continuidade do processo de aprendizagem.

A questão da desigualdade educacional também se agravou durante a pandemia. Alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica foram os mais prejudicados, uma vez que muitos dependiam da escola para obter alimentação adequada, acesso a recursos educacionais, tecnológicos e suporte emocional. A falta de estrutura familiar e o ambiente doméstico desfavorável também afetaram negativamente o desempenho acadêmico desses estudantes.

Com o fim da pandemia, percebeu-se que a saúde mental dos estudantes e professores foi impactada. O isolamento social, a incerteza e o medo da doença geraram ansiedade e estresse, afetando o bem-estar emocional de todos os envolvidos no processo educacional. A falta de interação social e o distanciamento dos colegas de classe também tiveram consequências psicológicas, já que a escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social e emocional dos alunos.

Todas as situações discriminatórias que vivenciei, desenvolveram alguns traumas psicossociais e emocionais que carrego até hoje. Falar em público, principalmente em sala de aula com os alunos, era um terror para mim! tinha medo que minha voz ou “trejeitos” ao falar evidenciasse minha orientação sexual, e isso desencadeasse algum transtorno ou situação homofóbica. Me tornei uma pessoa mais introspectiva e tímida, tanto no ambiente de trabalho, como em casa. Podemos considerar também que "a homofobia provoca profundos traumas emocionais e psicossociais nas pessoas LGBTQIAPN+, resultando em sentimentos de medo, culpa, e vergonha, que podem levar à depressão, ansiedade e até o suicídio" (Bento, 2011, p. 58). Segundo Green (2000), os problemas psicossociais da homofobia se revelam em uma gama de problemas de saúde mental, como estresse crônico e transtornos de ansiedade. Esses efeitos são causados pela discriminação sistêmica e pela falta de apoio social. Para corroborar, além de marginalizar as pessoas gays, a homofobia causa danos emocionais profundos, incluindo a perda da autoestima e o desenvolvimento de transtornos psicológicos agudos. Estes traumas podem reverberar ao longo da vida, afetando o bem-estar geral (Carrara; Silva, 2003).

Imagem 6 - Marcos Históricos do movimento LGBTQIA+ no Brasil 5



Fonte: Casa 1

3. A RESISTÊNCIA QUE TRANSFORMA

4.1 Resistência a adversidade

Minha rotina como diretor de escola está marcada por um equilíbrio entre os desafios do cotidiano escolar e a busca incessante por um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. O caminho até aqui não foi fácil, e a jornada me moldou de maneiras que jamais poderia imaginar quando comecei minha carreira na educação.

A construção de um ambiente de trabalho inclusivo e respeitoso para profissionais gays não apenas contribui para o seu bem-estar e saúde mental, mas também melhora o desempenho organizacional como um todo. A diversidade sexual deve ser vista como uma riqueza para as organizações. (Fleury, 2000, P.21).

Bento (2011, p. 45) afirma que “a inclusão de profissionais gays no ambiente de trabalho passa pela desconstrução de preconceitos e pela promoção de uma cultura organizacional que valorize a diversidade [...]”.

Quando penso no início da minha trajetória, lembro-me das dificuldades que enfrentei devido à homofobia. Os olhares de reprovação, os sussurros nos corredores e os comentários maldosos deixaram marcas profundas. Contudo, cada uma dessas experiências contribuiu para construir a resiliência que hoje me define. Aprendi a transformar a dor em força, a adversidade em oportunidade e o preconceito em uma razão ainda mais forte para lutar por um ambiente escolar justo e igualitário. Essa resiliência segundo Bento (2011), é de extrema importância para enfrentar os desafios diários da discriminação e da homofobia. A incessante luta por respeito e inclusão contribui não apenas para a própria sobrevivência emocional, mas também para a transformação do espaço escolar e profissional em um ambiente mais igualitário e acolhedor. Ainda mais profundamente, falando do contexto educacional, essa resiliência, de acordo com Borrillo (2001) se manifesta na capacidade de transformação da adversidade em força, e na luta por um ambiente escolar que promova a igualdade e o respeito à diversidade sexual.

A resiliência é uma característica fundamental para os profissionais gays que atuam no ambiente educacional, pois lhes permite não só resistir às pressões e preconceitos, mas também se posicionar como agentes de mudança que questionam e desafiam as normas heteronormativas dentro das instituições de ensino (Miskolci, 2009, p. 56).

Como diretor de uma escola e ativista pela causa, fui convidado em 2020 a contribuir com a programação da Semana e Parada da Diversidade em Catanduva; o que me encheu de responsabilidade e entusiasmo. Participar não seria apenas uma oportunidade de compartilhar minha vivência, mas também de promover a inclusão e a conscientização no ambiente escolar, que tanto influencia a formação de uma sociedade mais igualitária.

Como ainda estávamos no período da pandemia da COVID19, o evento foi transmitido de forma virtual por meio de uma “live”, no formato de uma roda de debates.

Desde que aceitei o convite, preparei-me para as discussões e atividades que trariam visibilidade e educação a respeito da diversidade sexual e de gênero, abordando tópicos muitas vezes evitados nos contextos formais de educação. Nas reuniões de planejamento, defendi a importância de não apenas representar a comunidade LGBTQIAPN+, mas também de transformar o espaço escolar e a sociedade, em um ambiente acolhedor e seguro para todos.

Imagem 7 – Participação na 13ª Parada da Diversidade de Catanduva.



Fonte: COP⁷

A partir dessa participação, tomei uma decisão muito importante: ingressar no mestrado profissional e escrever meu trabalho baseado na minha própria história de vida. A ideia de transformar minhas experiências pessoais e minhas memórias, em um trabalho acadêmico surgiu da necessidade de compartilhar minha trajetória e, ao mesmo tempo, contribuir para a construção de um espaço mais inclusivo e acolhedor para todos. Segundo Spigolon (2016), basear-se nas narrativas da memória e, como em toda memória, entrelaçam -se com o objetivo e o subjetivo, o registro e a criação; a lembrança e o esquecimento; o silêncio e o falado. Gostaria de destacar também, como fator importante para escolha do tema da minha pesquisa, foi a minha participação na disciplina concentrada de verão, do Programa do Mestrado Profissional, da Faculdade de Educação da UNICAMP, “EE064 – Seminários I: Educação e Gênero no diálogo com a sociodiversidade”, ministrada pela minha “querida” professora e orientadora Nima Imaculada Spigolon; que me encorajou a transformar minhas memórias e minha trajetória num trabalho acadêmico. Comecei a pensar em tudo que eu já havia passado — as dificuldades, os momentos de discriminação, as batalhas diárias contra a homofobia velada (e às

⁷ COP (Organização da Diversidade Catanduva - SP).

vezes nem tão velada) no ambiente de trabalho. Mas, mais que isso, pensei também nas conquistas, nas vezes em que eu resisti e me afirmei com coragem, desafiando normas e expectativas.

4.2. A importância do Mestrado

Foi nos momentos de “prosa” nas aulas, enquanto ouvia Nima, que percebi: minha história precisava ser contada. Eu precisava escrever sobre minha trajetória, não só como um desabafo pessoal, mas como um exemplo para outros que pudessem estar passando pelas mesmas situações. Minha história é uma história de resistência. Enfrentei discriminação e preconceito, mas aqui estou. Eu sou diretor de uma escola, faço parte da administração de um sistema que, muitas vezes, tenta nos apagar. E, ao contrário do que muitos poderiam ter previsto, eu não me quebrei.

Imagem 8 – Momentos de “prosa” com Nima, minha Orientadora.



Fonte: Arquivo pessoal.

Justificando um pouco mais a escolha pela metodologia autobiográfica; em meio ao vasto campo das pesquisas qualitativas, essa metodologia tem se destacado, conquistando um espaço que valoriza a profundidade da subjetividade e as ricas experiências pessoais dos sujeitos. Esta abordagem singular não se limita à mera análise de dados externos, mas mergulha na essência da vida vivida, fazendo da história pessoal do pesquisador, ou de outros indivíduos, o cerne da investigação. A pesquisa autobiográfica surge como uma metodologia que possui a capacidade de captar as dimensões subjetivas da formação humana, mostrando como as experiências pessoais e profissionais das pessoas, se entrelaçam na construção de suas identidades (Passeggi, 2008).

Ao explorar as camadas da própria vida, essa metodologia abre portas para uma reflexão intensa sobre as complexas teias de identidade, cultura, sociedade e história que compõem o ser humano. A autobiografia, assim, transcende sua função tradicional de simples registro pessoal e se revela como uma poderosa ferramenta de pesquisa. Nela, a narrativa individual deixa de ser apenas um relato para se tornar uma fonte inesgotável de conhecimento, oferecendo uma nova perspectiva sobre o mundo a partir do olhar único de quem o vivenciou. Corroborando com o que foi dito, uma das principais aplicações da metodologia autobiográfica é no campo da educação, onde tem sido utilizada para explorar as trajetórias de vida de professores, alunos e outros atores educacionais. A pesquisa autobiográfica, que tem preocupação com a formação humana e as experiências de vida do sujeito procura sistematizar uma epistemologia embasada em fontes biográficas e autobiográficas para compreender o mundo, não somente como estrutura e representação, mas principalmente, como experiência narrativa e significação. (Abrahão; Passeggi, 2012). Através da análise de narrativas pessoais, é possível compreender como as experiências de vida influenciam as práticas pedagógicas, as relações interpessoais e as escolhas profissionais. Além disso, a pesquisa a partir dos memoriais, permite relacionar a formação com a prática profissional, estimulando a escrita de um texto que possibilita a emergência de um conjunto de conhecimentos teóricos e metodológicos que se aglutinam com os conhecimentos significativos vindos da experiência (Mazza; Spigolon, 2017); esse registro autobiográfico, permite o resgate de vozes marginalizadas, oferecendo um espaço para a expressão de histórias que muitas vezes são silenciadas nos discursos acadêmicos tradicionais.

Outro benefício da metodologia autobiográfica é sua capacidade de fomentar a autorreflexão e o autoconhecimento. Ao revisitar suas próprias histórias de vida, os pesquisadores podem desenvolver uma compreensão mais profunda de suas motivações, valores e crenças, o que, por sua vez, pode enriquecer a qualidade da pesquisa. Essa autorreflexão também contribui para a construção de uma prática investigativa mais ética e consciente, onde o pesquisador está constantemente atento às implicações de suas escolhas metodológicas e interpretativas. A pesquisa autobiográfica segundo Josso (2004) cria um espaço rico para reflexão sobre as

trajetórias de vida, permitindo ao pesquisador captar as nuances e complexidades das práticas sociais e educativas que ajudam a construir a formação dos sujeitos.

A metodologia autobiográfica, ao valorizar as histórias de vida como objeto de investigação, oferece uma abordagem que combina o rigor científico com a sensibilidade narrativa, possibilitando a construção de um conhecimento que é ao mesmo tempo pessoal e coletivo. (Bolívar, 2002, p.67).

Minha rotina diária é intensa e desafiadora. Além das responsabilidades administrativas, dedico uma parte significativa do meu tempo a ouvir e apoiar alunos e professores. As histórias que ouço me lembram constantemente da importância de minha posição e da influência que posso ter na vida de tantas pessoas. Cada conversa, cada intervenção, reforça meu compromisso com a diversidade e a inclusão.

Sou um educador que, ao longo dos anos, compreendeu que minha missão vai além das paredes da sala de aula. Acredito na educação como um ato político; ela encoraja as pessoas a tomarem consciência de que têm direito a ter direitos. Assim, a educação participa dos processos de constituição da pessoa humana com raça/cor/etnia, sexo/gênero, ciclo de vida, religião, classe social, relações de pertencimento (Mazza; Spigolon, 2017); e, como um homem gay, minha luta pela causa LGBTQIAPN+ tornou-se inseparável do meu trabalho como diretor. Cada dia, ao entrar na escola, sinto a responsabilidade de ser mais do que um gestor; sou também um defensor da dignidade humana, um agente de transformação social. Para reforçar, “a educação sozinha não muda a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 67).

Lembro-me do início da minha carreira, quando sofri os primeiros ataques homofóbicos. Aqueles momentos de dor e humilhação me forjaram. Foram as cicatrizes dessas experiências que me motivaram a lutar, não apenas por mim, mas por todos os jovens que, como eu, sentem o peso da discriminação. Em cada momento, em cada diálogo com membros da equipe escolar, faço questão de deixar claro que a escola deve ser um lugar seguro para todos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

4.3. O que conquistamos?

A história da comunidade LGBTQIAPN+ é uma narrativa de luta, resiliência e, sobretudo, de coletividade. Desde os tempos em que a existência dessa comunidade era marcada pela invisibilidade e pelo medo, a força para resistir e reivindicar direitos sempre foi alimentada pela união. Juntos, enfrentaram perseguições, preconceitos e violência; juntos, construíram espaços seguros e possibilitaram conquistas que transformaram vidas.

A proteção mútua e o apoio dentro da comunidade também são evidentes em tempos de crise. Durante a epidemia de HIV/Aids nos anos 1980, enquanto governos e parte da sociedade ignoravam o sofrimento e a morte de milhares de pessoas LGBTQIAPN+, foram os próprios membros da comunidade que se mobilizaram. Organizações como a ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power) nasceram da necessidade de lutar pela vida, por tratamento, por dignidade. Nas vigílias, nos protestos e nos cuidados aos amigos doentes, a coletividade era o que mantinha a chama da resistência acesa.

A união da comunidade também se manifesta em espaços culturais e de celebração, como as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+. Esses eventos não são apenas festas, mas atos políticos de visibilidade, lembrando ao mundo que pessoas LGBTQIAPN+ existem, amam, criam e resistem. Cada desfile nas ruas é uma reafirmação de que ninguém está sozinho e de que as vitórias são conquistadas juntos.

O Brasil, por exemplo, se tornou palco de manifestações fundamentais pela coletividade LGBTQIAPN+. Redes de apoio como a Associação da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ de São Paulo – responsável por uma das maiores Paradas do Orgulho do mundo – são exemplos de como a comunidade se organiza em prol da inclusão, dos direitos e contra a violência. Além disso, coletivos como a Rede Nacional de Pessoas Trans e a Aliança Nacional LGBTI+ mostram como a mobilização em grupo traz força e voz para aqueles que muitas vezes são silenciados.

Ser parte da comunidade LGBTQIAPN+ é reconhecer que, diante de desafios muitas vezes difíceis de suportar sozinho, o apoio coletivo transforma. Seja no

acolhimento a quem foi expulso de casa, na proteção às pessoas trans, no enfrentamento à discriminação em locais de trabalho ou na luta por direitos

Historicamente enfrentamos situações de vulnerabilidade e exclusão social, muitas vezes resultantes de preconceitos estruturais enraizados na sociedade. A busca por igualdade de direitos e o combate à discriminação motivaram uma série de legislações e políticas públicas voltadas para a promoção da cidadania LGBTQIAPN+. No Brasil, especialmente a partir da redemocratização, diversas ações foram implementadas visando a inclusão e a proteção dessa população. Contudo, apesar dos avanços, ainda há desafios a serem enfrentados, como a homofobia e transfobia, a desigualdade de acesso a serviços públicos e a resistência cultural em torno das questões de gênero e sexualidade. Entre as principais iniciativas, destacam-se:

- **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT (2009):** Lançado pelo governo federal, esse plano foi um marco importante para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a população LGBT. Ele visa promover a cidadania e os direitos humanos, através de ações que incluem a promoção de campanhas educativas contra a discriminação e a implementação de políticas afirmativas em diferentes esferas da sociedade.
- **Política Nacional de Saúde Integral LGBT (2013):** Instituída pelo Ministério da Saúde, essa política busca garantir o acesso da população LGBT aos serviços de saúde sem discriminação. A medida inclui o atendimento especializado para a população trans, com foco no respeito à identidade de gênero e na ampliação do acesso aos serviços de saúde.
- **Cartilha “Saúde Integral da População Trans” (2018):** Este documento, parte das iniciativas do Ministério da Saúde, apresenta diretrizes e orientações para o atendimento humanizado da população trans nos serviços de saúde pública, reconhecendo a necessidade de adaptações específicas para esse grupo.
- **Programa Brasil Sem Homofobia (2004):** Uma das primeiras grandes iniciativas no Brasil voltada para o combate à violência e à discriminação contra a população LGBT, o programa tem como objetivo central a promoção

de uma cultura de respeito à diversidade sexual, atuando em diversas áreas, como educação, saúde e segurança pública.

Além das políticas públicas, importantes decisões jurídicas e legislações contribuíram para a promoção dos direitos da população LGBTQIAPN+ no Brasil. Entre as mais significativas, podemos citar:

- **Decisão do STF sobre o reconhecimento da união estável homoafetiva (2011):** O Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu que casais do mesmo sexo têm os mesmos direitos de casais heterossexuais em relação à união estável, garantindo assim direitos como herança, pensão e adoção.
- **Resolução nº 175 do CNJ (2013):** O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) determinou que todos os cartórios do Brasil são obrigados a realizar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, garantindo o direito de constituir família de maneira formal.
- **Criminalização da homofobia e transfobia (2019):** Em uma decisão histórica, o STF enquadrrou a homofobia e a transfobia como crimes de racismo, garantindo maior proteção jurídica contra a violência e a discriminação motivadas pela orientação sexual e identidade de gênero.
- **Lei de Identidade de Gênero (2018):** Também conhecida como "Decisão do STF sobre o direito à retificação de nome e gênero", essa decisão garantiu às pessoas trans o direito de alterar nome e gênero em seus documentos sem a necessidade de cirurgias ou laudos médicos, representando um importante avanço no reconhecimento da identidade de gênero no país.

Imagem 9 - A luta pelos direitos da população LGBTQIAPN+



Fonte: GIFE⁸

Sempre que tenho a oportunidade, discuto com meus colegas e alunos a importância de conhecer e respeitar esses direitos. Não apenas porque é o que diz a lei, mas porque acredito profundamente que a escola deve ser um reflexo da sociedade que queremos construir: justa, plural e acolhedora para todos.

⁸ Infográfico que integra o Especial Rede GIFE sobre conquista de direitos da população LGBTQIAPN+ (https://gife.org.br/wp/media/2023/06/infografico_Especial-redeGIFE_LGBTQIAPN+.pdf, Acessado em 31/10/2024).

4.4. A minha luta continua...

Embora o Brasil tenha avançado significativamente na criação de políticas públicas e legislações que visam a inclusão e proteção da população LGBTQIAPN+; a implementação dessas iniciativas enfrenta desafios substanciais. O país possui os maiores índices de violência contra essa população, especialmente contra pessoas trans. A criminalização da homofobia e transfobia representa um avanço, mas a violência permanece uma realidade alarmante. Parte da população brasileira, especialmente em regiões mais conservadoras, manifesta resistência às políticas de inclusão, baseando-se em discursos de ódio ou em convicções religiosas. Esse ambiente cultural gera dificuldades na aplicação de políticas públicas em determinadas áreas do país. Muitas políticas públicas, especialmente nas áreas da saúde e educação, enfrentam dificuldades devido à falta de capacitação de profissionais para lidar com a população LGBTQIAPN+ de maneira inclusiva e respeitosa. A discriminação institucional é um problema recorrente.

Ser Diretor/educador é, para mim, ser militante. É usar a palavra, o conhecimento e a lei como armas para construir um mundo melhor. Acredito que, ao educar com amor e coragem, estou plantando sementes de mudança, formando cidadãos conscientes de seus direitos e responsabilidades, que, espero, levarão adiante a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Entendo que muitos jovens, especialmente aqueles que pertencem à comunidade LGBTQIAPN+, enfrentam desafios imensos em sua jornada educacional. O medo de serem quem realmente são, o bullying constante e a falta de representatividade podem ser barreiras quase intransponíveis. Por isso, meu compromisso é garantir que esses alunos se sintam vistos, ouvidos e respeitados. Para que isso seja possível, atualmente estou à frente da pasta da Educação para Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG)⁹; que promove e apoia a realização de

⁹ Busca-se articular a temática da EDSG com as políticas públicas de educação e os processos educacionais desenvolvidos nas Diretorias Regionais de Ensino, apoiando e incentivando iniciativas que contribuam com a sensibilização de educadoras/es e estudantes, promoção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, que respeite todas/os na escola. A realização de ações e difusão das práticas nas Diretorias Regionais de Ensino, a partir das especificidades da EDSG, estarão

ações nas escolas da Diretoria de Ensino de Catanduva; reforçando a importância dos alunos, conhecerem seus direitos, de lutar por eles, e de não permitir que ninguém os diminua ou silencie.

O mestrado profissional tem sido uma jornada de autodescoberta e crescimento. Escrever sobre minha vida me obrigou a revisitar momentos dolorosos e a confrontar minhas próprias vulnerabilidades. Contudo, esse processo também me permitiu reconhecer minha força e resiliência. Minha dissertação não é apenas um relato pessoal; é uma análise crítica das barreiras que enfrentei e das estratégias que utilizei para superá-las. Para Saviani (2007, p. 211) "O mestrado profissional se configura como uma etapa crucial na formação dos profissionais da educação, pois proporciona uma qualificação que está diretamente ligada às exigências do campo educativo, contribuindo para uma prática pedagógica mais eficaz e reflexiva." A sua importância, segundo Gatti (2006) está na sua capacidade de subsidiar uma formação contínua que responde às necessidades concretas dos profissionais da educação, permitindo o desenvolvimento de competências que são essenciais para enfrentar os desafios diário da prática educativa.

Um dos momentos mais marcantes durante o desenvolvimento da minha pesquisa foi a descoberta de que minha história ressoava com a de muitos outros educadores e alunos. Recebi inúmeros relatos de pessoas que enfrentaram situações semelhantes e que encontraram na minha trajetória uma fonte de inspiração e coragem. Essas conexões reforçaram minha convicção de que contar minha história era não apenas necessário, mas urgente.

Gostaria de destacar a minha participação no simpósio sobre educação e diversidade, organizado pelo Instituto Federal de Educação de Catanduva; como mais um ato importante dessa minha trajetória contada até aqui. Confesso que foi um momento marcante para mim – não só em termos acadêmicos, mas, sobretudo, no aspecto pessoal. Estar ali apresentando meu projeto de pesquisa do mestrado,

relacionadas especialmente aos quatro eixos principais: Enfrentamento à Violência Doméstica e Lei Maria da Penha; Prevenção à Gravidez e às IST's e ao abandono e evasão recorrente; Dignidade Menstrual e Diversidade LGBTQIA+ nas escolas.

foi mais do que expor dados ou ideias. Foi um ato de afirmação e resistência, carregado de significado.

Ao contar sobre minha trajetória de resistência contra a homofobia e meu processo de construção profissional, trouxe à tona a importância de termos e políticas que valorizem o acolhimento e o respeito dentro das instituições de ensino, mostrando que ambientes educativos precisam refletir a diversidade da nossa sociedade.

Essa experiência foi profundamente enriquecedora. Mais do que uma simples apresentação, o simpósio me proporcionou a chance de criar laços e trocar ideias com outros educadores e estudantes que compartilham o sonho de uma educação inclusiva e que, assim como eu, enxergam na diversidade um pilar essencial para construir uma sociedade mais justa e acolhedora.

Hoje, me sinto mais preparado do que nunca para enfrentar os desafios que surgem. A homofobia ainda existe, mas minha resposta a ela mudou radicalmente. Em vez de me abater, ela me fortalece e me motiva a continuar lutando por um ambiente educacional onde todos possam se sentir seguros e valorizados.

Minha escola é agora um reflexo dessa luta contínua. Implementamos políticas claras de inclusão e diversidade, promovemos discussões abertas sobre respeito e igualdade, e criamos espaços onde alunos e professores possam expressar suas identidades livremente. Cada pequena conquista é uma prova de que estamos no rumo correto.

Ao olhar para o futuro, estou cheio de esperança e determinação. Este trabalho é apenas o começo. Quero continuar usando minha voz e minha posição para promover mudanças significativas na educação. Acredito que, compartilhando minha história e minhas experiências, posso ajudar a construir um mundo onde a diversidade seja celebrada e todos tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial.

Este capítulo da minha vida é uma celebração da resiliência e da capacidade humana de transformar a adversidade em oportunidade. E é com essa força

renovada que continuo minha jornada, certo de que, juntos, podemos construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da minha carreira na educação, como vocês puderam observar, enfrentei desafios que nunca imaginei ter que superar. Cresci em uma cidade pequena onde ser diferente não era aceito facilmente, e sempre soube que minha orientação sexual seria um tema delicado. No entanto, nunca deixei que isso me impedisse de perseguir meus sonhos e de fazer a diferença na vida dos meus alunos.

Quando comecei a lecionar, mantive minha vida pessoal muito privada, com medo de que minha orientação sexual pudesse afetar minha carreira. Contudo, à medida que fui ganhando experiência e confiança, percebi que esconder quem eu sou não apenas me prejudicava, mas também privava meus alunos de um exemplo de autenticidade e coragem.

Foi durante o meu período como diretor que a homofobia no ambiente de trabalho se tornou mais evidente. Colegas e pais de alunos, muitas vezes, faziam comentários insensíveis e preconceituosos, alguns até questionando minha capacidade de liderar devido à minha orientação sexual. Essas situações eram dolorosas e frequentemente me faziam questionar se eu estava no lugar certo.

Decidi que precisava transformar essa dor em luta e resistência, e que minha trajetória poderia inspirar outras pessoas que enfrentam discriminação. Por isso, escolhi como tema da minha dissertação de mestrado a minha própria história. Escrever sobre minha jornada foi um processo catártico e desafiador. Reviver cada obstáculo, cada palavra dura e cada momento de dúvida não foi fácil, mas também foi incrivelmente libertador.

Na dissertação, contei sobre os primeiros anos de ensino, as dificuldades em manter minha orientação sexual em segredo, e as consequências quando decidi ser verdadeiro comigo mesmo e com os outros. Descrevi as políticas escolares que implementei para promover a inclusão e a diversidade, e como essas ações foram

recebidas pela comunidade escolar. Mais importante ainda, compartilhei as vitórias - os momentos em que vi alunos, pais e professores começarem a mudar suas percepções e a valorizar o respeito e a igualdade.

Hoje, me orgulho de dizer que minha escola é um ambiente acolhedor para todos, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero, raça ou religião. Continuo enfrentando desafios, mas a diferença agora é que sei que não estou sozinho. Meus alunos, minha equipe e muitos pais se tornaram meus aliados nessa jornada.

Ao escrever, essa pesquisa, sinto que estou construindo algo muito maior do que um trabalho acadêmico. Estou construindo um testemunho, um exemplo, uma fonte de força para quem precisa de coragem. Se eu pudesse voltar no tempo e encontrar aquele jovem, cheio de dúvidas e medos, que começou a dar seus primeiros passos na carreira de educador, eu diria: "Você vai conseguir. Sua história importa. E um dia, ela vai inspirar outros."

E é isso que me mantém em movimento. Saber que minha voz, antes silenciada por pressões externas, agora será ouvida — e quem sabe, faça a diferença na vida de alguém que, assim como eu, está buscando seu lugar no mundo

Minha dissertação não é apenas um relato pessoal; é um manifesto sobre a importância da inclusão e da diversidade na educação. É uma prova de que, mesmo diante da adversidade, é possível criar e lutar por mudanças significativas e duradouras. Eu espero, que, ao compartilhar minha história, possa inspirar outros educadores e líderes a lutar pela igualdade e a não permitir que o preconceito dite quem eles são ou quem podem se tornar.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. PASSEGGI, Maria da C. A pesquisa (auto)biográfica epistemologia e métodos da investigação científica e da formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena M. B. & PASSEGGI, Maria da C. (Orgs.). **Dimensões epistemológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

BARRETO, N. S; SILVA, J. P.. Violência Escolar: problematizando a relação entre o bullying e homofobia. Revista Identidades, v. 12, n. 12, p. 8-12, jul. – dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1883/1642>.

BATISTA, K.P; CARDOSO, D. S; OLIVEIRA, M. E. G. Discurso religioso e seu impacto na saúde mental da comunidade LGBTQIAPN+. Revista Encontros Científicos (REC), Icó-Ceará, V. 6, N. 2, p. 168-170, 2024. Disponível em: <https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/373/314>. Acesso em: 29 out. 2024.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo**: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual. 3. ed. Simões Filho: Devires, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BENTO, M. A. S. **Diversidade e inclusão nas organizações**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BOLÍVAR, Antônio. **Profissão professor**: O Itinerário Profissional e a construção da escola. Bauru: Edusc, 2002.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. São Paulo: Autêntica, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 maio 2024.

BRASIL. Lei nº 7.716 de 05 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em 03 de ago. 2024.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT**. Ministério dos Direitos Humanos, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral LGBT**. Ministério da Saúde, 2013.

BRITZMAN, Debora. Is There a Queer Pedagogy? Or, Stop Reading Straight. <https://sites.evergreen.edu>, 1995. Disponível em: <https://sites.evergreen.edu/politicalshakespeares/wp-content/uploads/sites/226/2015/12/Britzman-Is-there-a-Queer-Pedagogy-Or-Stop-Reading-Straight.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2024.

BRITZMAN, Deborah P. O Que é Esta Coisa Chamada Amor. Identidade Homossexual e Currículo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, V.21. n.1, p.71-93. Ed. da UFRGS, 1996.

BOBROFF, M. C. C., & MARTINS, J. T.. Assédio moral, ética e sofrimento no trabalho. Revista Bioética, V. 21 N .2, P. 251-258. 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-80422013000200008>. Acesso em: 03 de ago. 2024.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero [recurso eletrônico]:** feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 18. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARRARA, Sérgio. **Moralidades, Racionalidades e Políticas Sexuais no Brasil Contemporâneo**. <https://www.scielo.br/j/mana/a/6D5zmtb3VK98rjtWTQhq8Gg/>, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p323>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

FACCHINI, Regina. **Entre compassos e descompassos:** um olhar para o “campo” e para “arena” do Movimento LGBT brasileiro. <https://periodicos.ufrn.br>, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em: 4 set. 2024.

FERNANDES, Taísa Ribeiro. **União Homossexuais: efeitos jurídicos.**

São Paulo: Editora Método. 2004.

FILHO, T. A. G.; LIMA, L. A. O. Gênero, sexualidade e trabalho: Heteronormatividade e o assédio moral contra homossexuais no contexto organizacional. **Lumen Et Virtus**, v. 15, n. 38, p. 1488-1496, jul. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv15n38-095> (2024).

FLEURY, M. T. L. **Gerenciando a Diversidade cultural:** Experiências de empresas brasileiras. <https://www.scielo.br/j/rae/a/YqBJ94QnWgPFBRcD7FJHnQj>, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902000000300003>. Acesso em 5 jul. 2024.

FRANÇA, M. R. C. (2009). Famílias homoafetivas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 21-33. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932009000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver:** Identidade e Política na Cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, v.31, n. 113, p. 1355–1379, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400016>. Acesso em: 31 mar 2024.

GREEN, James N. **Além do Carnaval:** a Homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2010.

GROOVE, Glória. **Gay (Interlúdio).** Álbum – O Proceder. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fO2KkWoHHco>. Acesso em: 06 set. 2024.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JUNQUEIRA, R. D. (organizador). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MAZZA, D.; SPIGOLON, N. I. Pelas páginas dos memoriais: histórias de formação e narrativas de professores. **Políticas Educativas – PolEd**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolEd/article/view/77074>. Acesso em: 6 sep. 2024

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, Danilo Araújo de. **Discursos heteronormativos e produção de sujeitos generificados no currículo escolar**. Margens, online, v. 11, n. 17, p. 92-107, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v11i17.5436>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13085>. Acesso em: 10 set. 2024.

OLIVEIRA, José M. D.; Luiz Mott (organizadores). **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2021**. 1. ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

ROMANINI, M; ROSA, R. **Da Culpa e do Medo ao Alívio e Desejo de Ser quem é: “Saída do armário” de jovens Homo e Bissexuais para suas famílias**. <https://www.semanticscholar.org/paper/>, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/DE.V8I2.11865>. Acesso em: 7 jun. 2024.

PASSEGGI, M. C. **Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica**. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.). **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. São Paulo: Paulus, 2008a. p. 103-132.

SANTOS, C.; SILVA, J. P.; SOUZA, E.J.. Homofobia na escola: as representações de educadores/as. **PePsc**, V. 23, n. 5, p. 635-647, setembro 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-09>. Acesso em: 05 set. 2024.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Z. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. Disponível em: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.p

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>. Acesso em: 2 set. 2024.

SEDGWICK, E.K. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v.1, n.28, p.19-54, jan-jun 2007. Disponível < <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>> Acesso 20 mar. 2024.

SIQUEIRA, M. V. S.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P, LIMA.; H. K. B. de, ANDRADE, A. J. A.. Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. *Organizações & Sociedade*, V. 16 N. 50, P. 447-461. 2009 doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302009000300003>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SOLIVA, T. B.; SILVA, J. B. DA. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 17, p. 124–148, maio 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.17.08.a>. Acesso em 15 ago. 2024.

SPIGOLON, Nima I. Escritos Íntimos e escrita de si: por entre as páginas e a vida de Elza Freire. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 02, p. 254-268, maio/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n2.p254-268>. Disponível em: [“ESCRITOS ÍNTIMOS” E ESCRITA DE SI: POR ENTRE AS PÁGINAS E A VIDA DE ELZA FREIRE | Revista Brasileira de Pesquisa \(Auto\)biográfica](https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n2.p254-268). Acesso em: 06 nov. 2024.

VIANA, Fabricio. **O armário: Vida e pensamento do desejo proibido**. São Paulo: Orgástica, 2020.

GLOSSÁRIO

Assumido: Que assume sua ideologia, suas posições diante da vida, sua orientação sexual.

Bullying: Termo em inglês, que significa atos reiterados e intencionais de opressão, humilhação, discriminação, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos mais vulneráveis.

Caminho Suave: É uma obra didática, uma cartilha de alfabetização, concebida pela educadora brasileira Branca Alves de Lima (São Paulo, 13 de agosto de 1910 - São Paulo, 21 de janeiro de 2001), que se tornou um fenômeno editorial.

Cisheteronormatividade: Conceito que faz referência a um conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza e institucionaliza o gênero, sexo e a sexualidade em uma linha ilógica e estritamente horizontal

Close: “Dar uma olhada” ou “dar pinta” (“mostrar afetação”).

Despatologização: Ato ou efeito de despatologizar, de passar a considerar como normal ou saudável o que antes era encarado como doença.

Gay: Termo geralmente usado para homens atraídos por outros homens, mas também pode ser usado por lésbicas.

Heterossexual: Que ou aquele que sente atração sexual por e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com pessoa do sexo oposto.

Homofobia: Preconceito e discriminação contra indivíduos que apresentem orientação sexual diferente da heterossexual.

Homossexualidade: Atração por e/ou relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo.

Identidade de Gênero: É como uma pessoa se identifica internamente, podendo ser masculino, feminino, uma mistura de ambos ou nenhum deles. Isso pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento.

Orientação sexual: Orientação sexual refere-se ao gênero pelo qual uma pessoa é atraída emocional, romântica ou sexualmente. Importante destacar que a orientação sexual não é uma escolha, mas uma parte intrínseca do ser humano.

Sair do armário: Expressão usada no contexto LGBTQIAPN+ que descreve o anúncio da aceitação da orientação sexual ou identidade de gênero de alguém, ou de si próprio. Estar fora do armário significa que alguém é assumidamente LGBTQIAPN+.

Sexualidade: É a maneira pela qual a pessoa vivencia e expressa os instintos e sentimentos que compõem a atração sexual por outros.

Trejeitos: Movimento do corpo, p.ex., das mãos, braços, dedos, cabeça, voluntário ou involuntário, que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; movimento, gesticulação.

Veado: Termo seja uma variação da palavra “veado”, animal considerado frágil e delicado. desde a propagação do uso do termo em seu sentido depreciativo, “veado”, que depois alterou-se para “viado” com as transformações linguísticas, é utilizado para atacar membros da comunidade LGBTQIAPN+ que fujam do padrão.